



O

ALABAMA



1865

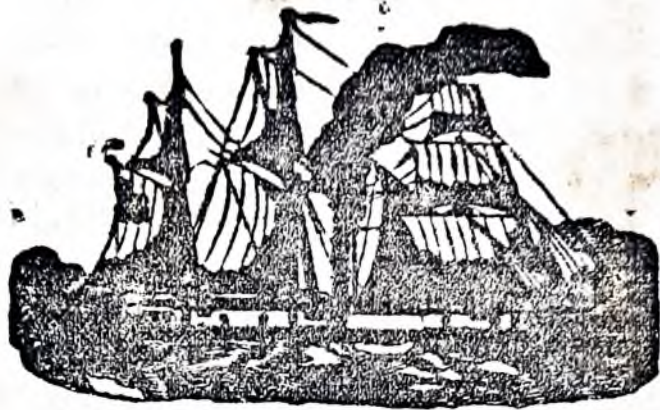
A

1867



H. B.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª

BAHIA 4 DE JANEIRO DE 1866.

N.º 303

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de janeiro de 1866.

Officio ao Sr. subdelegado do 1º districto de Santo Antonio, pedindo-lhe que mande acabar com um jogo quotidiano que ha em tres casas, ao Corredor da Lapinha, frequentadas sempre pelos mesmos sujeitos, que divertem-se até a manhan, incommodam a vizinhança, e acabam a cassuada por pancada. Um dia destes metteram o cassetete n'um pobre Pedro Ta-ta-tá que ficou desancado e que creio tão cedo lá não tornará.

Espera-se que S. S. providencie.

—Capitão, a forca está de pé na Bahia; a pena de morte realça a cabeça; já não foge espavorida da civilização, já não recua, como diz Victor Hugo.

A lei, o código diz que a forca será levantada na occasião do castigo, para não ficar exposta ás vistas do publico; apesar disso porém, ha mais de 15 dias, está a forca armada em Itaparica, a escandalisar o publico, a sensibilisar as pessoas delicadas, a indignar os homens de coração!

—Bagatella! A lei é a vontade da authoridade; o juiz municipal quer, que se ha de fazer?

—Pobre terra!

—Capitão, venia.

—Diga-se.

—Aportaram em certo tempo a Latronopolis (por pedido e chupança de certa gente sem... juizo que só dá importancia aos estrangeiros) certas mulheres abanadas, intitulasdas sem charidade; depois de pregarem e inculcarem castidade que nunca tiveram, dirigindo collegios e recolhimentos, chegou uma chusma dellas e foram para certo hospital que, como ellas, tinha o nome de sem charidade.

Ahi fizeram o que puderam; de lorettes e grisettes das ruas e cortiços de Paris tornaram-se sultanas, directoras da vida dos infelizes que as toleraram em sua terra natal, onde elles precisavam da charidade publica e official, charidade apparatusa, mas sem effeito real, mentida, e ultrajante por allegada.

Para esse hospital teve de ir um ex-soldado caçador, um condemnado a galé, homem protegido que depois de correr todas as prisões, ficou doente o foi-lho preciso o hospital.

As sultanas, as odaliscas, as pudi-



bundas virgens, as abanadas, as mulheres que vendem charidade no grosso rosario enveronicado que trazem à cintura, fizeram do galé um senhor de serralho e o adoraram. Houve muita ciumada, muita bregeirada, muita coisa feia; mas o que mais admirou foi que as *cujas* quizessem brigar com o commandante da guarda que havia no hospital, só porque elle oppoz-se a que ellas passeiassem com o feliz Adonis de calceta, rival afortunado do conego Serpente e de um certo Sebastião, que não gostaram muito da graça, bem que fossem os prazeres igualmente repartidos.

—E o nome do feliz?

—Não sei; esta historia contou-me o José Maria, que é homem antigo e que diz tel-a ouvido do fallecido padre mestre Costa.

—E o sultanete não teria no serralho alguma favorita?

—Disse-me sinhá Thereza que sim; uma que vivia a conversar largas horas com o doente e que não queria que um guarda acompanhasse o seu dengoso macho, apesar de estar preso.

—Não ser hoje o caso, para metter-se a taca nessa canalha.

—O Sr. Cyrillo Pessoa queixa-se de ter sido atacado com cassetete e faca.

—Hoje por mim, amanhã por ti; quem com ferro fere com ferro será ferido. O Sr. Cyrillo é um valentão, quer metter o chicote em todos! . . . .

Achou por sua vez quem lhe mettesse o porrete em cheio.

—Capitão, disseram-me que no arsenal de guerra trabalham escravos.

—E' possível; havia alli um escravo do Sr. escrivão que varria diariamente a casa e . . . .

—Pois o que dizem é que justamente dous escravos do Sr. escrivão foram admittidos nos logares de dous homens livres que foram despedidos para darem entrada.

E' um facto que se expõe ao publico ás authoridades sem commento; é censuravel no rigor da palavra o ad-

mittir-se n'uma repartição publica escravos, quando por toda a parte se clama pelos braços livres.

—São cousas . . . .

—Continuam os moleques a atrapalhar o publico.

Atraz da Sé ninguem pode com elles; unidos aos escravos do Sr. barão do Catú, não ha mulher de capona que delles fique isenta, não ha cego que não leve pedrada, não ha pessoa alguma que não ouça uma pilheria pesada.

E a policia não sabe disso, não imagina as desordens, os crimes que podem originar-se do brinquedo por ella tolerado.

—V. falla em moleques!

E uns tambores que se ajuntam à ladeira de S. Francisco! fazem o diabo, insultam a todos, e não ha familia honesta que possa ouvir uma unica palavra das que sahem daquellas desaforadas boccas!

—E a policia não passa por alli? O negocio é com ella que amanhã ha de querer passar por exemplar, e mandar elogios para a gazeta.

—Capitão, ouça.

No Gravata ha um certo cujo em cuja casa apprendia a cozer com sua mulher uma crioulinha menor; a menina porém apprendeu com o cujo a comer feijão, e tomou a lecção, ou antes prestou exame no dia 2 de julho, ficando approvada, *prompta e cheia*.

—E como chama-se o sujeito?

—Ignoro; estava eu sentado debaixo de umas arvores quando o Paulo contou-me o milagre sem dizer o nome do santo. Disse-me tambem que a mulher do cujo fallecera ha um mez pouco mais ou menos, talvez apaixonada por ver o marido com foros de melhor mestre, e passar-lhe a piassava.

—Patife!

E que fazem os parentes da menor?

—Deram queixa ao chefe e ao delegado, os quaes inqueriram a paciente que confirmou tudo que antes dissera à sogra de um tal infame.

—Muxingueiro, vae com o Sr. pegar



o bandoleiro para fazel-o variar a bordo com lindas beijocas de tua alada taca.

—Olé! o moleque vao bem de Reis!

---

### VARIÉDADÉ.

---

Lê-se no *Correio Paulistano*:

«Ha tempos andou transcripta por todos os jornaes uma noticia que deu uma folha portugueza, sobre os estragos e danos que tinha produzido o calor em algumas cidades daquelle reino.

«E' costume nosso copiar o alheio, esquecendo o proprio. Eu não sou assim, e por isso passo a narrar os males que tem causado este anno o calor em nossa Paulicea.

«Um suprito que sentia sabirem-lhe labaredas por todo o corpo, foi a uma casa de banhos e pediu um banho frio; momentos depois de ter entrado na agua esta ficou fervendo e este sahio todo pellado.

«Um porqueiro que chegou do interior, ao entrar na Luz, trazia quasi todos os porcos assados, alguns cozidos, e elle proprio estava encruado.

«Uma nossa vizinha que havia posto umas faixas do filho a enxugar ao sol, quando voltou a procural-as achou apenas as cinzas. Tinha sido devoradas pelas chamas produzidas por aquelle astro.

«Hontem encontramos quatro ferreiros no centro de certa rua a malhar em uma ferradura; aproveitavam o sol para o seu trabalho, poupando assim o carvão da forja.

«Hoje, ao meio dia, o chafariz de Miguel Carlos fumegava de uma maneira assustadora, e tudo annunciava um proximo incendio naquelle magestoso monumento. Felizmente conseguiu extinguir-se com dous barris de agua, cedidos por um carroceiro que passava.

«Um amigo communica-nos que vira em uma tarde destas um exercito de *bagres* a correrem pela Varzea fora, desesperados pelo calor que sentiam dentro d'agna.

«Em uma venda da rua da Quitanda, appareceram cerca de 2,000 pintos sahidos de igual porção de ovos que ahi existiam, e que chocaram-se com o calor atmosferico!

«Uma senhora de nossa amisade, que mandara comprar ovos para o jantar, e que os deixara por descuido alguns momentos ao sol, quando voltou a procural-os achou meia duzia de pintos, comendo umas couves que estavam proximas.

«Cerveja, capilé, orchata, tudo que é refrigerante dasapparecen das casas de negocio; ha quem dê 500,00 rs. por um copo de cerveja ou de orchata, mas não encontra!

«Em alguns bairros tem escassado tanto a agua que as familias reuñem-se a chorar dentro de um poço para cosinhar um feijão commum com o lacrimoso liquido.

«A lenha e o carvão ninguém dá um real por elles; o sol substituiu estes dous combustiveis. Desde o meio dia até ao entardecer estão as ruas e os telhados cobertos de panellas de todos os tamanhos, esperando que o ardente astro se incumba de cozinhar os manjares.

«O po que que acompanha a secca, tambem ha feito das suas. Ninguem mais é senhor de ter o nariz desoccupado. De um individuo nosso conhecido e proprietario de um alentado *beque*, foram tiradas em uma tarde destas duas libras de pó.

---

### A PEDIDO

---

—*Progresso! Progresso!*

Assim como sob o nome de liberdade (é do *Observador* ou de Mme. Roland?) se commettem crimes, assim tambem sob o teu se occultam infamias! Quo havia vir um desfructavel pateta para a terra do Paraguassú escrevinhar quatro disparates insulsos, offendendo a caracteres dignos! Que um calouro vindo de Pernambuco, um intitulado poeta, almejando ser *Milton*, quando é apenas um *safado trovista de batuque*, queira manchar a toga de um magistrado integro! E depois de servir de capacho de um throno a que elle eleva um *rei de copas* em substituição a um homem honrado que é rei em todos os corações de homens de bem — confunde-se no lixo da cidade para emporcalhar uma gazeta, a unica em uma das cidades do littoral!

—E seu redactor prestou-a!

E abusa elle assim da boa fé do amigo! Não farto de insultar os collegas da academia; não contente de cuspir injurias nos patricios ausentes, vem agora para a *cidade do rio* e arvora-se em redactor, prostituindo o *progresso*, e dizendo, felizmente, que não communga nos festins da liberdade!

—Ora não masse!



O sujeito é patife? tem culpa? merece castigo?

—Sim, Sr., eu acho.

—Pois leve o muxingueiro, e faça o que merecer este novo *Aristides* da rolha, este defensor da conserva, *Augusto* caricata, Sansão de estopa, cujos *cabellos linguarudos* hão de perder a a força com a simples vista da taca.

—Então amigo Manuel, pelo que vejo ainda não poudes descobrir o José?

—Qual! Não sei onde se mette o bilatre que ainda não pude encontral-o. Com quem sempre estou é com o *Silva*.

—Ah! meu charo, V. não faz ideia das manhas que tem aquella creatura bestial.

—Quaes são?

—Vá tomando nota.

Primeiro quer a torto e direito namorar todas as moças da rua do *Mau Gosto*.

Segundo — é que sendo insigne *mercurio* quer que os outros sirvam para elle.

Terceiro — é que renegou sua patria e naturalisou-se portuguez para não ser recrutado.

—E elle está nesse caso?

—Ora si está! Tanto que morando perto de um *rio grande* para a banda do *Sul*, de lá fugiu por causa disso.

—Basta; é melhor ter pena da miseria desse infeliz. Adeus.

—Si eu o encontrar mais alguma vez, e si até essa occasião o insolente tiver praticado mais alguma brutalidade eu lhe contarei.

—D'ora em diante não é necessario me fallar mais a respeito d'aquelle insubordinado.

(Continúa.)

—Capitão.

—Diga-se.

—Havia em certo arsenal um escrivo que se proclamava muito honrado sendo ao contrario um grande ladrão que já demittido fora de uma secretaria de policia, na mesma qualidade.

—Vá me declarando logo qual o arsenal, não estou para massada.

—Não, tenha paciencia; não posso declarar.

—Pois diga onde está esse famoso.

—Está em *Latronopolis*.

—Fazendo o que? em que lugar?

—No mesmo lugar que exercia lá.

—Mas que lá é este? declare logo.

—Não posso; só direi que veio de lá PARA cá.

—Então o que faz elle por cá?

—Ninharias. Lá tinha uma sociedade denominada --24-- da qual era presidente (conforme elle mesmo disse.)

—Qual era o fim de tal sociedade?

—Era haver partidas de orgia com os productos de certas sobras d'aquelle arsenal de *Paz*.

—E por cá?

—Começou por querer fazer o mesmo; já mamou n'um negocio de madeiras, dizem, uns duzentos mil reis; tem feito partidos mallogrados, e agora quer metter o bico em uns meios de solla, quer comer boa manteiga e carne gorda, etc.

—O nome?.. O nome? quero recompensal-o.

—Não digo; eil-o aqui em pessoa: só declararei mais, que na noite de *S. João* com um certo *Antonio* seu amigo por alcunha o *Barbosa* estiveram debaixo de uma *oliveira*.

—Basta. Muxingueiro, que ouviste a relação dos feitos deste heróe da-lhe o devido apreço.

(Continúa)

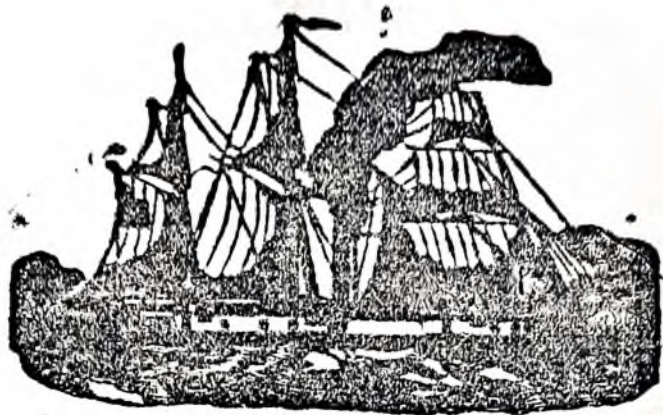
## ANNUNCIOS.

Vende-se uma boa casa terrea situada na freguezia da Penha, rua do Areial de Itapagipe, de n.º 21; quem pretender dirija-se à freguezia de *S. Pedro*, rua do Duarte n.º 13 para tractar.

Manuel Gaetano Pereira Pimentel pede às pessoas que com elle tem contas tanto de folhetos como de negocios tendentes ao theatro queiram vir ajustal-as, visto que o annunciante tem de prestar contas.

No deposito de cal ao Caes Dourado, precisa-se de um caixeiro.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª

BAHIA 3 DE JANEIRO DE 1866.

N.º 307

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, para que se empenhe mais pelos negocios de alinhamentos, que ficam demorados por informações, impedindo que quem quer edificar faça com brevidade o que intenta.

—Ao Sr. subdelegado do Pilar, pedindo-lhe que lance suas vistas benignas para um telheiro dividido em dous, em um dos quaes mora um sujeito *afortunado* que reúne todas as noites grande porção de capadocios e moleques (um até captivo de uma freira) os quaes fazem grande barulho até certas horas. A reunião não tem bons fins como dizem algumas pessoas que moram na rua do Imperador. Espera-se que S. S. queira dar-se ao trabalho de prevenir para não ter mais tarde algum incommodo.

—Ao Sr. fiscal do gaz, pedindo-lhe que faça com que a companhia mande cortar diversos arbustos e arvores que ha em frente de certas cazas á Estrada Nova, os quaes impedem que a luz dos lampões se difunda pela rua, allumiando o matto.

(Officiou-se á camara para que faça

effectiva a postura que obriga os moradores a terem limpas as testadas de suas cazas, tanto mais quando na Estrada Nova é só delles o proveito.)

Portaria ao Rei dos moleques, ordenando-lhe que não abandone seu posto, deixando os moleques em desabridas carreiras e assobios, a incommodarem seus visinhos da Roda da Fortuna, e que os faça reunir la para as bandas do Bomfim e becco do Jilú. Cumpra.

—A estrada Nova, a rua da Valla, em frente á travessa que ha na baixa dos Sapateiros é rua ou largo?

—E' rua.

—A baixa dos Sapateiros é rua ou largo?

—E' largo; a prova é que alli ja foi quitanda; que não ha nesta cidade rua alguma que tenha tamanha largura; que as casas junto á capella do Rosario recuam um pouco para formarem a praça.

—Bem. Sabe que a camara permite o vender-se farinha nas praças ou largos, precedendo licença sua?

—Sei, li o edital.

—Sabe que em virtude disso ha quem venda farinha á Estrada Nova?

—Vi, o admirei-me por que o logar em que ha taes estabelecimentos nunca foi praça.



—Sabe que a camara, por intermedio de seu presidente e secretario, declarou que a baixa dos Sapateiros não é largo?

—Agora; não sei como possa isso ser quando o Sr. Valença Junior que é coisa na Rua do Paço se intitula o barão do largo do Carmo que é tres vezes menor que o da Baixinha.

—Pois é isso: diversos, em vista do edital, requereram para vender farinha abi; o Sr. Valença despachou, e fez o presidente assignar, que sendo a Baixinha rua e não largo, ficava indeferido o pedido dos supplicantes.

—E os outros continuam a vender!

Muito pode a protecção nesta terra, em que o abuso impera!

A Illma. porém, estou certo, reformará o despacho, que, sem injuria, parece filho de um capricho e arranjado pela boa fé.

—Ora vejamos; esperar beneficios de certa gente é contar com sapatos de defunto.

—Capitão, eis aqui um pedido dos Srs., cujos nomes lerei.

—Diga.

—«Atenção!

Justino Fausto Teixeira de Carvalho, Julio Teixeira de Carvalho e outros, offerecem gratuitamente a quem quizer edificar a porção de terreno de sua fazenda Engenho Velho que fica à beira da estrada Dous de Julho com preferencia ás familias necessitadas dos voluntarios da patria, com a unica condição de apresentarem estas documentos que justifiquem a estada dos seus representantes em defeza da Patria e aquellas a sua conducta civil e moral. Bahia 30 de dezembro de 1863.»

—Mande publicar o patriotico offerecimento dos mesmos Srs., para que seja aproveitada sua lembrança.

—Capitão, a companhia do olhovivo não dorme.

—E' velho. Que ha?

—Não lembra-se de que a es'crços

do Sr. barão do Colegipe e outros foram remettidos ás praças da armada charutos, cigarros e doce?

—Lembro-me.

—Pois até hoje nada chegou a seu destino.

—Talvez por causa da distancia.

—Qual nada, capitão! Charutos, cigarros e doces da Bahia tem se vendido em quantidade pelo rio, e outros não são sinão os da offerta aos defensores da nação.

—Quem lhe contou isso?

—Li no *Jornal da Bahia*; quem o diz é pessoa que está na armada e que ficou aguando.

—O paiz não tem governo?

Eu acho que lhe pertence fazer punir os ladrões que burlam assim uma generosa e patriótica ideia dos bahianos.

—Atenção!

No *Journal du Havre* encontra-se a seguinte interessante noticia:

«A loja maçonica de Palermo, do rito escossez antigo, responde nestes termos á excomunhão do papa:

«Houve um homem chamado Mastai Ferretti que recebeu o baptismo maçonico e que jurou fraternidade e amor para com seus irmãos. Esse mesmo homem foi mais tarde eleito papa, sob o nome de Pio IX, e eil-o que lança a maldição e excomunhão contra todos os filiados da franco-maçonaria!

«A maldição e a excomunhão cahem, pois, sobre a sua propria cabeça, e, ainda mais, por semelhante acto elle tornou-se perjuro.

«O papa está, conseguintemente, excomungado por si mesmo!»

—São diversos os passeios que se acham annunciados para o dia de Reis. Cachoeira, Nazareth, Santo Amaro, Itaparica e Bom Jesus são os poutos escolhidos para recreio da rapazeada.

—Para o Bom Jesus ha musica que vae no vapor; a philarmonica Terpsy chore realça o festim com sua presença.

—A elles, rapazeada, a elles!

—V. ja ouviu tocar-se a Noite do Carnaval?



—Ja; é a imitação solenne do—  
Gosto muito do pagode—na extrava-  
gancia.

—E' uma peça profana no rigor do  
termo, não?

—Creio que sim.

—Pois apezar disso toca-se hoje em  
todas as egrejas; os organistas tambem  
tem moda e não querem parecer jarretas  
na musica.

O que porem admira é que guardem  
o *carnaval* para a occasião da elevação  
da hostia e do calix, como acabei de  
presenciar no Bomfim.

—Bagatella! E si não é, o Exm. Sr.  
arcebispo e seus satellites que cuidem  
disso.

—No Travasso, caminho que vae do  
Bomfim ao Papagaio de Itapagipe, rua  
sempre e bastante transitada, especial-  
mente pelas festas, atalho conveniente  
para quem tem que fazer e tem pressa,  
mas que até hoje não viu o que é illu-  
minação a gaz, nem sabe si a camara  
existe pois que em tempo de chuva é  
um completo lamaçal...

—Amigo, si vae neste gosto arrisca-  
se a morrer por falta de respiração; to-  
me folego!

—....no Travasso, ha um muro  
contra cuja queda se pediu e se pede, ha  
mais de um anno, providencias.

—E cahiu?

—Não.

—E vossês a massarem a gente com  
pedidos massantes, com temores pu-  
eris!

—Não cahiu, mas cae breve; vae in-  
do pouco a pouco até beijar o chão, si  
antes não encontrar o empecilho de al-  
guns corpos humanos.

A racha cresceu, elle fez maior ve-  
nia à rua e aos transeuntes, e não sou  
eu que irei passar junto d'elle.

—Que os outros façam o mesmo.

—Mas é que alli não ha gaz, e de  
noute ninguem encherça sem luz; quem  
não sabe passa pelo precipicio e pode  
ser victima; é tempo de festa, muita  
gente que não tem conhecimento da-  
quelles logares anda por elles, e mui-  
tos nem sabem por que ruas passam.

—Mas a quem se hade pedir provi-

dencias? acaba de dizer que ha um anno  
pede-se á policia e á camara e esta  
gente não ouve....

—Pois continuamos a bradar na im-  
prensa! No Travasso ha um muro que  
ameaça cahir com muita brevidade;  
rapaziada sentido na ratoeira!

### LA VAE VERSO.

Sr. João de Deus, eu quero  
Um rancho mui excellente,  
Para na noite de Reis  
Divertir-se a nossa gente.

Por tanto, va já d'agora  
Convidando p'ra baderna  
Os rapazes que costumam  
No folguedo fazer perna.

Para dar graça a' folia  
Deve tomar parte nella  
Gente preta de turbante  
E tambem côr de canella.

Não quero que falte nada:  
Mande preparar violas,  
Pratos, vús, canzás, paudeiros,  
Violões e castanholas.

Como sei que è folgazona,  
Traga-me a sua Simôa,  
Q' apezar de veterana  
No lundú ainda é boa.

Ha de a Maria das Velas,  
Fazer parte da festança;  
Com a Joanna Palanque  
E a borracha Constança.

Tambem a Maria Julia  
Deve entrar na brucadeira,  
A Maria do Xixi,  
E a Eva rascadeira.

Na frente com seu gibão,  
Para presidir a' couza,  
Venha de chapéu armado  
O Sr. Mané de Souza.

Atraz delle, mui gaiatos,  
Venham tocando timbales,  
Carlos Mingu, Surdo-é  
E Gustavinho de Sa-les.

Siga-se logo a burrinha...  
E o homem predestinado  
P'ra chefe dos permanentes  
Deve ir nella montado.

Atraz do *bumba-meu-boi*  
Que será o Par-d'aranha,  
As creoulas cantarão:  
E' vai linha de Bretanha

Dr. Solto de viola;  
De canzá Neco Monteiro;



Dr. Feio de bandurra;  
Toque pratos D. Jambreiro.

Para tocar berimbáu  
Servirá Xixi Ribeiro;  
O major dos lusitanos  
Será p'ra rufar pandeiro.

Sem ter gente de coroa  
Perde o pagode o sabor;  
Chame o conego *Ciri*  
E o padre que tem amor.

Veja mais um que faz *calda*  
Em tacho não, em gaiolla,  
E que traz uma *canaria*  
Em vez de trazer stolla.

Convide p'ra tocar vú  
Um padre que móe pimenta;  
Para carregar foguetes  
Traga o bucha de cincoenta.

Miguel Peixe-Gallo pode  
Ser mui bem aproveitado  
Para com suas *cangalhas*  
Ir de archotes carregado.

Aquelle Dr., que stá  
Lá no adro do Bomfim,  
Em prazeres. . . V. sabe,  
Deve vir para o festim.

## A PEDIDO

—Capitão, não sei porque ha por aqui tanto *gato* disponível quando os ratos abundam.

—E' que os gatos estão gordos e por tanto preguiçosos.

—Mas eu acho que se os poderia recrutar para prestarem um serviço ao publico.

—V. tem cousa ahi que quer vomitar; as aranhas de seu papo fazem-no ficar tonto. Diga o que sabe.

—E' que ha grande quantidade de ratos por todas essas estações da estrada de ferro, o que causa um grande damno aos freguezes; exemplo:

A mercadora Romana veiu com diversas compras que fez, de Alagoinhas e ao chegar á Jequitaia, tendo-se demorado em Mapelle, achou a seguinte differença para menos: em 47 ananazes 10, em 200 mangas 75, em 2 1/2 alqueires de farinha um.

—Para isso é preciso gato?

Armem ratoeiras ou deitem comida com noz vomica.

—Fallemos serio, capitão. Essa

mesma mulher já perdou alli um sacco com milho.

—V. é apaixonado pela rapariga, maganão!

—Não, Sr., sou sempre pelo direito. Ahi está a Sra. Venancia que trazendo do Parafuso umas mallas com raspaduras, achou-as diminuidas em grande quantidade, faltando-lhe as de cima que vinham destinadas a um presente o que traziam um coração em relevo.

—Assim, sim; mas assim tambem não. O caso é serio e vou ja officiar ao Sr. superintendente para que dê providencias.

—Na Lapinha ha eo dia 3 á noite funcção de gosto; a igreja estará aberta ao publico.

—Havera tambem balões, fogueiras, foguetes, botequins, feiras, zabumba e o diabo a quatro.

—E' uma funcção de estouro; é bom aproveitar quem gosta de divertir-se.

—«Muita força de negocios  
E' tabareu na cidade.»  
O' compadre, no Inhambupe,  
Ha alguma novidade?

—Nada, nada, meu compadre,  
Traz-me aqui mui pouca cousa;  
Venho apenas trazer festas  
A el-rei Manuel de Souza.

Trago-lhe um par de *trilhões*,  
Outro par de *chancharolas*,  
E tambem um *assobio*,  
Um *flautim* com duas bolas.

## ANNUNCIOS.

Na rua da Poeira, sobrado n.º 83  
preciza-se de uma ama para cozinha,  
preferindo-se captiva.

### Aos tanceiros.

Vende-se uma porção de barris,  
promptos e por apromptar, baldes, li-  
nas, madeiras aparelhadas e uma rica  
caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typo-  
graphia que achará com quem tractar.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.

BAHIA 10 DE JANEIRO DE 1866.

N.º 308

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo. do *Alabama* 9 de janeiro de 1866.

Officio á camara, pedindo lhe, não pela primeira vez, que mande tapar um cano que ha na ladeira da Misericordia, encostado á parede, e que não tem até hoje engolido algum dos innumerados cegos que por alli transitam e fazem assistencia, só por milagre de Deus que condoe-se dos infelizes, em quanto a Illma. descança adormecida nas suas nove poltronas.

A edilidade deve mostrar maior zelo e actividade por essas cousinhas que entretanto interessam muito ao publico.

—O Passeio da Se...

—A praça de D. Isabel...

—Sim; a praça de D. Izabel continúa no mesmo estado. Os capins crescem (e com razão que ha *esterco*); o mijo abunda; a agua falta, apesar do chafariz; as crioulas entram, e, apesar do gaz, entregam-se aos deleites de amor nos braços dos Martes que as requestam; os moleques infestam tudo com pedradas e jogam castanhas; o publico falla; o director do Passeio Publico não responde porque está atrapalhado com

as contas do *Princeza Leopoldina*; e o guarda da tal praça não cuida de suas obrigações, sem duvida porque o ordenado não paga-lhe bem o trabalho.

—A cousa é outra: ha talvez o plano de destruirem uma obra cujo promotor foi um digno character, cuja honestidade se odeia, por que faz inveja.

—An! *Diga-me m'isso!*

—Mr. Lajournad dá um beneficio em favor das orphans da Providencia.

—Felizmente quem administra a casa, ou melhor quem toma conta dos cobres não são as *charidades*.

—Ainda peor. Não lembra-se do quando cahiu a parede do gazometro? As irmans de charidade tiveram um dos melhores quinhões da subscrição em favor das familias offendidas e prejudicadas...

—Pobre e infeliz terra!

O que não impede a quem tem vergonha de agradecer ao estrangeiro generoso os lances de sua alma bemfazeja.

—Está installada a sociedade dos carros ou companhia de vehiculos.

—V. não se lembra do barulho que fizeram da vez passada? Extinguiu-se quando o Ariani comprou certa casa da rua de Baixo. Agora dizem as mãs



linguas que o Nicolau Carneiro e o Paulo Pereira Monteiro não ficariam zangados, si achassem quem lhes comprasse a fazenda do Garcia.

—Mas agora o caso é serio. Acham-se nelle empenhados personagens como o barão de Cotegipe e Dr. Quirino, e já está feita a installação da sociedade.

—O que é certo é que eu creio muito no que pego; sou da seita de San' Thomé, quero primeiro ver para crer.

—Pois vel-o-ha.

—Morreu a filha do general Labatut, esposa do Sr. capitão Manuel Francisco Gomes que partiu para o Sul na brigada Evaristo.

—Que dor para o patriótico e amoroso coração de seu marido infeliz!

—E ainda maior quando elle se lembrar de tres filhas menores, a ultima das quaes tem tres annos de idade.

—E ainda maior quando lembrar-se de que seus poucos recursos ficam diminuidos com a pensão que recebia de 900\$ rs., e que findou com a morte da mulher!

—Gasta-se abi tanto dinheiro á toa e julgo que melhor seria empregal-o, pelo menos, em beneficio das tres infelizes filhas do Sr. Gomes, brasileiras cujo avô tanto se prestou na Independencia e cujo pae presta-se hoje na guerra do Paraguay, largando mais commodos misteres, depois de ter-se prestado, menino brasileiro, na guerra do Madeira.

—V. está com cara de quem leu o *Jornal da Bahia!*

—Embora; sou o echo de quem pede justiça: a pensão que se deu á filha do general deve continuar a ser dada ás netas de Labatut.

—Apoiado.

—Só se come peixe podre!

—Que quer? Si a camara consente vender-se assado peixe moido!...

—Fui comprar charéu, que é peixe de que muito gosto, e estava inteiramente podre; fui ver o fiscal, não o achei; o medico da camara não me lembrei quem era, nem o conheço;

fui a uma pessoa intendida que me alliançon que o peixe estava podre; quiz ir ter com o inspector de quartirão, não soube quem era; quiz queixar-me ao subdelegado, mas já estava cansado e não valia a pena incommodar a authoridade por uma posta de peixe que custa quatro vintens.

—Qual subdelegado, inspector, medico, nem fiscal! O charéu vem da armação, a armação é do barão do Rio Vermelho, o barão é vereador, o vereador é presidente da camara, a camara é a encarregada da economia e fiscalisação municipaes.

—Mas que ha?

—Nada; eu, si fosse legislador, propunha que não podiam ser vereadores os negociantes em comestiveis.

E calemo-nos.

—Esta companhia Bahiana é celebre! Não satisfeita de arriscar dianamente a vida dos passageiros com seus navios podres, zomba diariamente do publico!

—Prove.

—Recebe dinheiro, dá bilhetes, corta-os, o vapor larga e o passageiro não embarca!

—Doze vintens, historias!

—Historias! Pelo dedo se conhece o gigante.

Abi está que annunciou bilhetes para diversos logares a 3\$ ida e volta, e vendeu a alguns passageiros a 2\$ ida, para receber mais 3\$ volta!

E' uma fraude.

—Historias!

—E depois marcou viagens para Nazareth ás 6 horas, sabendo que o vapor la não podia chegar ao meio dia por falta de maré.

—Historias!

—Historia que fez cada passageiro pagar 1\$ de canoa, quando podia ser que muitos não estivessem prevenidos!

—Está bom, Sr., estou calado.

—A companhia Bahiana não vao bem. Está dando ares de quebrada ou de ganancia.

—Mas porque?

—Fazem guerra ao Ariani, por ser careiro; quem a fará á companhia que



agora acaba de elevar as passagens ao Bomfim a 500 rs., quando nos annos anteriores, custavam 240 rs.?

A companhia é um monopolio, quem lhe fará guerra, quem se meterá com os inglezes?

— Talvez appareça.

— E em quanto não chega, o povo que ature tudo que passa pelas celebres cabeças dos celebres empregados da celebre companhia Bahiana, celebre ainda mais por de — bahiano — só ter o nome.

— Não cessam as reclamações contra o hospital da *santa caza* da Misericordia.

— Que é Sr.? Eu não ouço ninguem fallar.

— Tem lido o *Alabama*?

— Ora!

— Ora! A *Constituição* é da amizade do Sr. provedor da Misericordia, e tem reclamado contra os abusos que se dão naquella caza.

— Não minta!

— Uma preta morreu na freguezia da Victoria, ficou exposta ao ar e ao tempo, la apodreceu, a policia reclamou, e a *santa caza da charidade* não interrou o cadaver, sinão depois de muitos reclamos da imprensa!

— Que mais?

— Um pobre homem, voluntario, foi do hospital expulso, com causticos abertos: dizem que indo reclamar ao presidente, este o enviara para Cachoeira, para ser depois conduzido á sua terra.

Um outro, ha dias, sahi do hospital, e cahiu, exausto de forças, morto de debilidade, na rua Direita da Misericordia.

— São as boas obras das irmans de charidade.

— Mentec; são condescendencias dos medicos, que me fazem lembrar um celebre Dr. Alão, medico de freiras, descripto por Castello Branco.

— Pois nem é ainda isso; é um desaforo que só o pacifico povo desta terra tolera! O dinheiro não é do Sr. provedor que, as mandou vir, nem do

medico que tambem chucha, nem das mulheres que fazem e recebem *suas charidades*; o dinheiro tem um fim, que é a minoração dos males dos infelizes; quem julga da sua distribuição é o povo, e o povo não pode portanto tolerar impassivel que os administradores da *santa caza* só cuidem das *santas*, sem condoerem-se das fraquezas do proximo, como o amor que—

«Nem minora o mal dos vivos,  
Nem respeita os moribundos.»

— Esta agora é, de cachupeleta!

---

### VARIEDADE.

---

Um habitante de Nova-York exprobara a um preto corpulento, porque não queria alistar-se no exercito: «Vossês, disse elle, são a causa desta guerra; são propriamente o osso da disputa; porque não vaes combater? — Vistes jámais, respondeu elle, dous cães brigarem por um osso? — Sim. — E vistes nunca o osso combater? — Não. — Pois bem, eu sou o osso, e intendo que não devo pelejar.

---

### A PEDIDO

---

— O anno passado, a thesouraria do Bomfim estava entregue a um honesto character, o Sr. José Maria Henriques Ferreira, homem verdadeiramente religioso, sem hypocrisia, sem idolatria, sem superstição e sem impostura.

O Senhor do Bomfim desceu do throno e poupou-se um escandalo no templo de Deus; não se viu a immoralidade terrivel dos annos anteriores, não houve a *lavagem*, tres dias antes da festa do Bomfim!

Agora que está um figurão, um tenente-coronel, um amigo dos Barraes e Pedras Brancas, um proprietario, um moço bonito, de bigode invejavel, como invejavel é no todo, que succederá?

Terá havido apenas treguas de lavagens?

As desordens das quitandas, os horrores dos cortiços, as palavradas das meretrizes, o complexo da desmoralisação, a anniquillação dos bons costumes, entrarão de novo pela porta da



egreja dondo, como os mercadores do templo, foram tangidos o anno passado a cordas?

A *lavagem* continúa?

—E' a mim que pergunta?

A bom santo se incommenda; pergunte ao thesoureiro.

—Não pergunto a ninguem; o Revm. Sr. arcebispo é so quem pode saber destas cousas. . . . .

—Certo homem, conhecido nesta terra por cuidar somente de seu *interesse*; egoista no ultimo grau, apesar de inculcar-se amante do bem *publico*; certo apostata de todas as crenças, que antepõe as ideias do partido que inculcou ter ás damnadas comichões do odio que aninha no coração, sem motivo honesto, contra respeitaveis caracteres; certo. . . . *quidam* que vive hoje a adular miseravelmente aquelles que damnadamente açoutou n'um pelourinho, teve a insolencia de fazer *lembranças* com o unico fim de marear a reputação de certo administrador, a que o miseravel quer sobrepor F. G. M., o homem que nesta terra mais injuriado por elle foi, até na honra, na vida intima, no thoro conjugal!

Oh! mores!

A que degradação chegou Latronopolis!

.....

—Capitão, aqui lhe trago um bom paraguayoy.

—Quem é?

—Um tabareu malvado, um caralarga, sem verniz, um desertor de bordo, um mata-cães, um caixeiro-cachorro de uma venda ao *circulo* da *má fortuna* na rua *calçada*.

—E o que fez o tal paraguayoy?

—Eu lhe conto. Além de muitos espectaculos que tem dado quando surra com pau e chicote dous cães que tem ou algum pobre preto que vac comprar e não lhe cae em affeição, deu ha dias outro espectáculo que fazia horror e compaixão; amarrou um de seus cães e deu-lhe de pau e chicote até o animal não gritar; depois deitou sal e vinagre nas feridas, mas vendo

que o animal ainda respirava, amarrou-o de novo e tornou a dar-lhe de chicote por espaço de uma hora, até que matou o animal.

—Que mau genio!

—E era o bichinho uma cachorra prenhe de dous mezes, disse elle.

—Talvez fizesse isto para que seus filhos não se parecessem com o pao.

—Desaforo de tabareu! E' um bom recruta; não tem praça em corpo algum.

—Muxingueiro!

—A's ordens.

—400 calabrotadas nesse malvado; é um cujo que diz tem isenção por ser caixeiro de taverna.

—Oh! nem que o Miranda me peça por S. *Joaquim*, o patife ha de levar a dóse; não tem duvida!

—Que faz aquelle sujeito com um livro debaixo do braço? esta estudando em tempo de ferias?

—Não, é artista; é um dos encarregados da festa de Nossa Senhora da Conceição dos Artistas; tem-se arranjado, só com registros tem obsequiado a meio mundo; ninguem lhe entra em caza que não saia com o seu.

—E como anda orgulhoso!

—Nunca se viu nesses assados! Gato que nunca comeu azeite quando come se lambusa.

—Oi que bobo!

---

## ANNUNCIOS.

---

Acha-se nos prélos e será publicado por toda semana

### AS SCENAS DO ALPENDRE DO MAU-FIM.

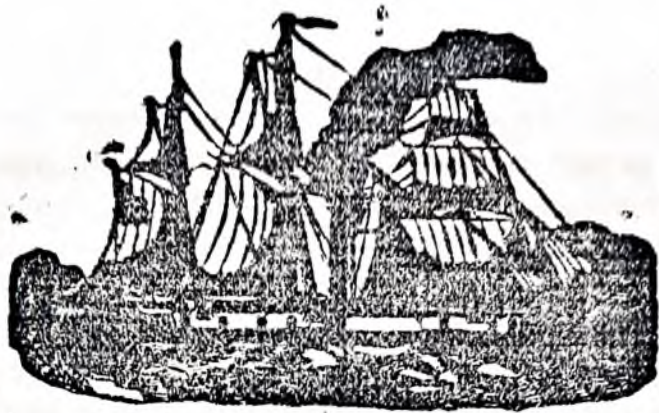
Pelo Dr. Arras-cujinho.

Preço da assignatura 500 rs.

---

Perdeu-se uma besta castanha, com um golpe no beigo inferior que a pôz dofeitosa, tornando-o maior ao superior; fugiu do quintal do arsenal de guerra. Nesta typ. se indicará o dono que gratificará a quem achal-a e restituil-a.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª

BAHIA 15 DE JANEIRO DE 1866.

N.º 309

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 170 rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que acabe com o abuso de irem diversos carroceiros á rua do Imperador cavar arcia, enchendo seus carros, e deixando sepulturas abertas.

Faz-se-lhe este pedido sò por amor ao publico; por que é impossivel que de tal abuso não tenha noticia a Ilma. que tem tantos agentes, entre os quaes o Sr. claviculario que pela citada rua passa todos os dias, e mora perto.

—A' directoria dos estudos, participando-lhe que as aulas primarias publicas ainda se não acham abertas, apesar do regulamento organico.

—Ao Sr. subdelegado de Sant'Anna, pedindo-lhe que lance suas vistas para a rua do Carro, em que reuñem-se e existem muitos vadios que muito incommodam o publico; dizem palavradas, jogam pedras, espancam os animaes alheios, e estragam os quintaes visinhos.

Espera-se ser attendido, pela confiança que se deposita no caracter do S. S., que por mais tempo não deixará

os habitantes daquella rua entregues a meia duzia de malevolos.

—A companhia Bahiana brigou com a estrada de Ferro.

—Porque?

—Por dous vintens.

—Por dous vintens se briga! Dous vintens daria eu para não brigar.

—Mas a companhia Bahiana concordou com a estrada de Ferro em ter vapores promptos na occasião da ida e volta dos trens; a principio cumpriu, depois affrouxou.

A estrada de Ferro, por isso ou por outra qualquer rasão, exigiu pedagio dos passageiros da companhia Bahiana; esta scismou, e a ponte daquella foi-lhe interdicta.

A Bahiana fez nova ponte, a Estrada embargou porque foi feita nas suas marinhas; o presidente metteu-se, houve dilatação e estamos nisso.

—Negocio de inglezes; por lá se avenhãam.

—Sabe que se pode vender farinha em largos e praças?

—Ora vire folha.

—Em virtude disso, ha licença para vendel-a na Barroquinha.

—Que tem?

—Tem que so não concede a quem



pede licença para vendel-a em outros logares; pelo que diz a voz publica que a postura foi feita somente com o fim de proteger-se a certo figurão, afilhado da Illma., um celebre Thomaz....

—Ora dá-se!

—Chegaram de fora no dia 11 do corrente dous voluntarios, que estão na guarda de palacio, a causarem dó, a indignarem quem assim os vê!

—Mas que tem?

—Estão inchados, amarellos, convulsos de frio e fome, deitados, a pedir que S. Ex. o presidente lhes falle, e S. Ex. lhes responde que appareçam n'audiencia.

—Que esperem.

—Esperar, quando a qualquer hora S. Ex. recebe os amigos potencias! esperar quando dous e tres dias S. Ex. deixa de dar audiencia! Está com effeito muito bom o remedio: morrem os homens á fome e S. Ex. lhes ordena que digam á fome que os não mate!

—Espectaculo contristador!

Quem diria que por baixo do alcatufado soalho em que pisa o *liberal* M. Dantas haviam estar a morrer de fome os defensores da nação, que elle fez vir de tão longe!

Gloria a Deus nas alturas!

—Dizem que são divertidas as patrulhas da freguezia da Victoria.

—E' regra geral; os soldados de policia são muito engraçados.

—Mas não fazem disso as patrulhas das outras freguezias.

—Bisso, o que?

—Andam pelas roças alheias a espantar os cães, a acordar quem dorme e amedrontar os caminhanes.

—Ora seborum!

Si não fazem isso n'outra parte é por que nem acham cachorros nem encontram roças.

—Capitão, como vi o outro dia V. Ex. occupar-se de uma historia de ausentes, lembrei-me d'um caso que se deu na Calçada.

—Qual foi?

—Morreu um intestado, os ausentes appareceram e não attenderam a uma africana que era mãe do fallecido, so pelo simples facto de ser ella africana.

—Custava pouco tirar uma certidão de baptismo do fallecido.

—Mas para que? Desta vez os prejudicados foram os ausentes que nada acharam e voltaram sem terem ao menos em que cobrar a porcentagem; vieram furiosos!

—Tiram breve a desforra; acham logo um caldinho gordo; todo dia tambem não é dia santo; umas em cheio, outras em vão.

—Mas si houvesse dinheiro, ficava a prelinha prejudicada, porque os laes ausentes-presentes são muito sollicitos em arrecadarem dinheiro para a nação.

—Não tenha susto; si houvesse com que comprar melões, haveria tambem calções que se interessassem pela herança da velha.

—Desejo dar-lhe uma palavra.

—Quem é o Sr.?

—Quero fazer-lhe um beneficio.

—Quem é o Sr.?

—Quem me avisa meu amigo é; quero fallar-lhe em seu favor.

—Falle.

—O Sr., além do *querer* commetter um crime, não respeita a moralidade publica. Tenciona prostituir essa infeliz, que tem apenas 12 annos, e á vista do publico, em uma casa publica, vive a beijal-a, acaricial-a & &.

Queria prevenil-o, de que, si continuasse, não era muito impossivel que lhe apparecesse o muxingueiro do Alabama.

—Jesus! com que gente estou!

—Repare que a rua das Drogarias é muito frequentada, que sua loja de capelista e *drogas* é visitada e deixe-se por tanto de criancices.

—Muito obrigado, meu bom Sr.

—A escrava de Maria da Gloria já está liberta?

—Não sei.

—Muita gente assignou para sua liberdade?



—Não sei.

—Ou sim, ou não, não transpira nada. Gente, mostrem agora seu patriotismo; a moça pedo uma esmola para ficar livre!

—*Amanan!*

## A PEDIDO

Pede-se ao Rei dos moleques, que quando despachar seus vassallos, não os mande para as vendas comprar passas, manteiga e queijo, impingindo recados falsos, sob pena do porão.

—Capitão, estive com o Manuel quando chegou o José que veio da Costa, passando por Guimarães, e disse-me que era mesmo no circulo da *ma-fortuna* que se dispara a meada.

—Pois vamos a ella.

—Ponto por ponto: 1º Nunca estive na armada e *elle* veio fugido de sua terra, desertou por tanto.

2º Mata-cães não sou, porque até hoje so dei n'um cachorro por ter comido o pinto do visinho e não morreu; quando elle matou o gallo por ter saltado em cima do balcão, e quiz cobrar fraudulentamente duas garrafas de cerveja que inventou que o gallo quebrou.

3º Si eu sou cachorro por ser caixeiro, elle tambem o é.

E depois quem comprou aquelles objectos de ouro furtados á Senhora do que, si o moleque ladrão não fosse d'elle mesmo, *faria* o diabo? Elle, um gallego que acabou de calumniar-me.

Quem engeitou aquelle peso de carne que o amo d'elle comprou?

Elle, o gallego.

Quem substituiu a carne nova pela velha?

Elle o calumniador.

Quem roubou no peso as quatro libras?

Elle, o patife.

Quem maltrata os compradores? Eu si alguma vez tenho desavenças com algum preto é por furtos, e o gallego maltrata os que não podem comprar-lhe o genero e o engeitam.

Aquillo é que é... não sei como está até hoje ainda empregado, quando tanto atrevimento tem feito e todos d'elle se queixam: com reccio d'algum ja elle andou foragido pelas mattas do S. João; é um patife no grosso.

—Quer pois que lhe attenda e obsequie o homem?

—Em represalia, peço-lhe, capitão, que mande o muxingueiro dar-lhe daquellas boas, ainda apezar dos reiterados pedidos do Mendonça.

—Pois intenda-se com o muxingueiro, e impine-se.

—Ai!.. socorro!.. quem me acode  
Que estou quasi assombrado!

—Que tem menino? que viu  
Que stá tão amedrontado?

—Si disser o que vi, temo  
Que de horror aqui pereça.

—Foi alma do outro mundo  
Ou foi mula sem cabeça?

—Não senhor; cousa mais feia,  
Terrivel, muito peor.

—Pois diga logo o que foi,  
Não trema, limpe o suor.

Descance um pouco, e me diga  
O que assim tanto lhe espanta.

—Foi ver de fardão um *pinto*  
Feito d'uma pelle *d'anta*.

—Pois uma cousa tão simples  
Tanto susto lhe causou,  
Que o fez vir tão assustado,  
Q' até as calças borrou?!

Com tudo do seu terror  
Não me devo admirar;  
Quando tenho visto *homem*  
De corujas se mijar.

M. D.

—V. ja leu ordens do dia, assignadas pelo actual commandante das armas?

—Ja li; e tenho gostado muito do gosto com que gostosamente o Sr. tenente coronel Lopes, commandante interino das armas escreve antes do seu nome—*conselheiro!*

—Faz rir, não tem duvida!

Mas não admira porque o Sr. Pa-



checo Pereira, actual dolegado do 1.º districto, *que regula com a cabeça do Sr. Dantas*, tambem se inculca de doutor e põe—D R—antes do nome, quando é apenas um bacharel.

—Que mundo! Desde a suberba de Lucifer e o orgulho de Adão *quo todos* querem ser mais do que são!

—V. lê o *Pharol*?

—Leio.

—Viu sem duvida um artigo que falla d'uma boa peça que um tal intitulado Prates pregou no Manuel de Souza?

—Li; e admirei me de tanta *boa-fe*.

—Tanto maior quanto admirou o Sr. commandante das armas exigir, para ser nomeado, carta do Dr. Joaquim Sem-sobrenome, o homem mais conhecido desta terra.

—Rigorismo militar, que tendo fallado da primeira vez, não convinha que de novo claudicasse sob pena de reincidencia que em cousas de *posturas* tem penas dobradas.....

—V. conhece uma negra carcunda que vende peixe?

—Muito; é uma barulhenta dos diabos.

—Pois não sei em que se fia! Insulta a todo o mundo, e ha pouco deu pancadas n'uma companheira que succumbiu talvez disso.

—E injuriou tambem muito a um pobre homem que lhe foi comprar peixe e não quiz, por achal-o podre,

Em que se fia aquella negra?

—Ora em que! Pois não sabe que a negra é da casa do barão do Rio Vermelho?

—Ah!.....

—A *papa-ceia* prometteu *clarear-nos* os negocios do batalhão de Santo Antonio, e tão grande foi o *eclipse* que ainda está *escuro*!

—Fora bobo!

A fugida de *Venus*, vivendo no lamaçal das infamias, não podia sinão emlamear a cara de algum *observador* que por sua elevação esperava.

Meu charo Sr. vigario

De Passé,

Poço-lhe que me responda

Por quem é.

Desejava saber: durante o anno

Que passou,

Quantas missas na sua freguezia

Celebrou.

## ANNUNCIOS.

Continúa fugido desde o dia 15 do mez passado o mulatinho Maximiano, escravo de D. Olympia Joaquina de Oliveira. Tem 12 annos de idade, magro, olhos vivos, beiços grossos, muito fallante, a testa com uma saliencia de cada lado. Quando fugido costuma dizer-se forro, não ter mãi nem pai e mudar o nome. Sabe ler, e escrever um pouco. Sahiu de casa, tendo o cabello cortado a meia cabelleira, palitot e calça de brim azul desbotado, camisa branca, botinas de couro e chapéu de palha da Italia. Já foi visto de traje mudado, uma vez no largo da Piedade, com uma cesta na cabeça em companhia de um homem, outra vez na Barra, onde depois informaram que havia seguido para Itapuan. Ultimamente tambem foi visto vagando pela roça do Gantois.

Quem o levar a sua senhora na rua da Lorangeira casa n.º 102 terá 25\$ de gratificação.

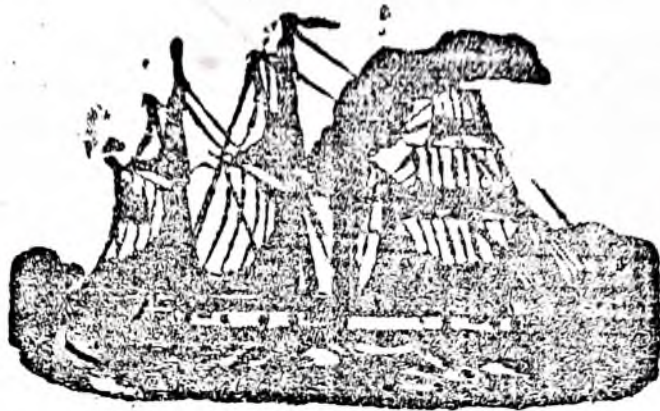
Gratifica-se com 600\$ para a compra de uma mobilia a quem der noticia de um burro, cor de babosa, com frente aberta, crinas grisalhas; é gordo, meio manco, e fugiu do quintal do arsenal de guerra. Quem achal-o, levando-o defronte do fortinho da Lagartixa, receberá a quantia acima.

### Aos tanceiros.

Vende-se uma porção de barris, promptos e por apromptar, baldes, linas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 51.ª

BAHIA 18 DE JANEIRO DE 1866.

Ns. 310 e 311

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericórdia n. 17, a 1\$ rs. por serio de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do Alabama 17 de janeiro de 1866.

Officio ao Sr. subdelegado da Penha, pedindo-lhe providencias para que não continuem a tomar banhos meninos e rapazes nus, em todo o littoral de Itapagipe.

Espera-se de S. S. alguma attenção para semelhante objecto em respeito à moralidade publica.

Portaria ao fiscal da Conceição da Praia, ordenando-lhe que multe o dono de uma tasca às Portas da Ribeira n.º 42 D, não só por tel-a aberta toda noite, o que dá motivo a que alli haja desordens sem conta, como por vender uma tintura ext avagante a que dá o nome de vinho da Figueira. Cumpra.

—E' certo que no sabbado 13 do corrente, uma crioula lançou-se á rua das janellas do sobrado n.º 40 á rua do Sodré?

—Ouvi dizer; dizem, mas não creio, que foi por ter quebrado um prato e a senhora castigal-a horriavelmente.

—E as authoridades?

—Bem vê que *hão de ter feito co'po de delicto.*

—Esteve muito concorrida a festa do Bomfim; nunca vi tanta gente.

—Como sempre, como sempre.

—Menos isso, as gazetas grandes dizem que a concurrencia foi maior.

—E por isso V. tambem diz! Pois eu que não tenho necessidade de clogiar thesoureiros, desmerecendo a fé dos feis, digo que não vi la estas cousas. Comtudo gostei da illuminação, que é a melhor que tem apparecido; gostei do palacete; gostei da musica e de não haver os incommodativos barbeiros; gostei da musica interior; muita gente achou falta de foguetes do ar e eu acho muito o que chega a um; não vi abrasadoras fogueiras, mas vi muito entusiasmo, muito samba, muito *canguá*, alguns balões e o fogo de artificio que não esteve mau.

—Mas aposto que me não viu; levei tres dias sem dar acordo de mim!

—Disseram-me que uma furia da Chapada fizera desaparecer uma sua cria de 15 annos por ciume.

—Já ouvi dizer; dizem que antes dera-lhe muitos bollos e que depois disso, a rapariga desaparecera sem que ninguem della pudesse dar certa noticia.



—E são assim as cousas; vao esta terra à lei da natureza! . . . .

—Aspirante João do Deus!

—Prompto.

—Vá á rua dos *Pés de laranja*, procure um mono que anda preso com *cerol* á uma *tripeça* e que á noite vae pousar na *larangeira* n.º 13, e alli põe-se a beijar e abraçar uma *guariba*, e veja si o agarra para livrar as familias do incommodo de não poderem chegar á janella com a semcerimonia do tal bicho.

—Será obedecido, capitão.

—Capitão, não se pode morar do lado terreo na ladeira do Carmo.

—Porque?

—Um mau cheiro dos diabos que não deixa a gente parar.

—E de que provém?

—Vem do quintal da caza n.º 53; os moradores povoaram o quintal de cloacas, a maior parte das quaes estão cheias e exhalam terriveis gazes para quem tem nariz, por menos delicado que seja, e para quem tem saúde o quer conserval-a.

—Mas que quer que lhe faça?

—Que mande o muxingueiro visitar aquelles negros, para que elles se deem ao trabalho de regularisar suas indigestas digestões.

—Ora viva!

Intenda-se com o fiscal da Rua do Paço, que é o competente para providenciar em casos taes.

—Pois sim; si o moço dignar-se, que visite o quintal da citada caza, pois, além de dar lucro á camara e a si, faz um beneficio ao publico que agradecerá sem duvida ao empregado zeloso.

—Capitão, supponha. . . .

—Peça licença ao *Observador* que é quem pode fallar por hypotheses em attacado.

—Supponha que a bordo ha uma estrada de ferro; supponha que nella ha roubos; supponha que os prejudicados reclamam e vão á imprensa; supponha que o principal empregado quer

que os subalternos se defendam das acusações e elles o não fazem; supponha depois que um dos roubados traz umas aves e um dos empregados não as quer receber, de proposito, por acinte, assim de que a rapariga soffra as consequencias de ter reclamado o que era seu; supponha que as aves ficam na distancia de 20 leguas sem ter quem dellas cuide, por que a dona não pode perder a viagem; supponha que esse tal empregado das *cunhas* não deixa em outro dia embarcar a rapariga, ficando ella a esperar pelo dia seguinte em que pelos *matto*s chegou á cidade; supponha que com taes maneiras e bandalheiras não é que se angaria augmento e prosperidade para qualquer empreza—pergunte:

Que faria V. Ex. a empregados taes?

—Demittia-os immediatamente e talvez até os processasse pelas faltas encontradas na bagagem dos passageiros.

—Mas supponha, capitão, que a estrada, como eu ja disse, é a bordo.

—Mandava o muxingueiro se indrreitar com os taes *meninorios* para andarem direitos.

—Pois em Latronepolis, capitão, ha disso tudo, e as aguas correm pelo rio abaixo.

—Houve um gallego. . . .

—Peior.

— . . . . que deixando a santa terrinha em que *biu* o ser, embarcou-se para o Rio de Janeiro, onde chegou a ser caixeiro. Ahi deu-se mal, e arribou para a Bahia, onde serviu por pouco tempo, de caixeiro do José, irmão do Joaquim, compadre do Leite, amigo do Borges.

—Não deite á rua a parentella do homem, Sr.!

—Deixou o amo e foi ser socio em uma loja de louça e ahi serviu de *atalaia*; estabeleceu-se depois n'uma *rua formosa*, mudou-se mais tarde para a *rua torta do Mercado*, e deu-se por quebrado, deixando a chave em juizo. Deve a um credor, quinze contos de reis, a outro doze e assim por diante;



não pagou nem ao caixeiro que diz ter revelações a fazer na hora do estouro.

—Dê-me lá o nome desse celebre tropiante!

—Manueli.

—Manuel do que?

—Manuel Junior; era filho d'um pobre roceiro que andava com um machado ás costas a cortar lenha; isso informou-me o *Teixeira*.

Esse gallegorum...

—Quem, o *Teixeira*?

—O Manueli; insultou a propria sogra.

—Cousa de pouco admirar com a educação que recebeu.

—Mas ficou querendo campar de gente, quiz ser até *trovador*, como si trovador fosse peralta ou ladrão.

E o genio que tem a peste!

Quando mudou-se da primeira loja, conservou em seu poder a chave por mais de um anno, só para fazer mal a um honrado negociante brasileiro que pretendia a caza.

Fez isso, pelo simples facto de ser o negociante um brasileiro, e carregado de numerosa familia; com o que prejudicou os credores pois que fundo elle não tinha.

—Deixal-o, pobre besta!

(*Continúa.*)

—Capitão, eis-me aos pés de V. Ex.!

—Levanta-te! Quem és tu?

—Ah! por quem é tenha dó de mim!

Não vê V. Ex. como estou?

—Que tens?

—Ah! pois não vê! Já não sou aquella que mandou fazer fogo a bordo deste vaso contra quem protegia certa mulher que illudi, deitando-a depois para fora de caza, carregada de filhos.

—Com effeito, já não és quem d'antelas eras. Como estás desta forma?

—Nem o sei: em outras epochas fui um grande, fiz prodigios; negociei para Azia e Africa, Europa e America; trafiquei em carne humana e perdi mais do que lucrei; bati solla, cozi sapatos e fiz tamancos, e em tudo isso foi-se-me o dinheiro, vendo-me portanto obrigado a enganar uma pobre mulher

de quem tive filhos e de quem mamei os cobres; fil-a assignar um papel em branco, e deitei-a depois a ponta-pés pela porta fora. Dahi por diante, não sei si por castigo, periga minha vida e continuo ou caminho apressado para a miseria.

—Estás leproso! não me venhas contaminar a tripulação!

—O meu moral é que pode ser que corrompa os marinheiros.

—E de feito! Um homem que nega em juizo seus filhos é igual ao que injuria em publico aquella de quem os tem e injurias não merece.

E's infame!

—Capitão, estou arrependido daquellas descargas do n.º 19 do *Alabama* até trinta ou quarenta e tantos.

—Tarde chega o arrependimento.

—E' verdade, capitão; tanto que fui ao *Subtil* pedir um favor que elle me prometteu e na occasião faltou.

—E fez bem; ninguem tem obrigação de aquecer viboras para o picarem ao collo.

—Nem eu digo o contrario; o que é certo é que tenho em caza a cascuda *Verissima*, especie de jacaré ou casavel que é capaz de envenenar e matar a quantos della se aproximem.

—E ainda nenhum mal te fez! Bem dizem que um veneno destróe a acção do outro.

—Não é tanto assim, capitão; mas é que outro remedio eu não tinha, salvo si quizesse dar com os ossos na cadeia, a pagar as custas da demanda que tive contra ella por causa da escrava no curso de 7 annos, em que lhe não dei que comer.

—Fizeste como o hespanhol que comeria n'um só dia o que...

—Não fiz como ninguem; fui a todos os caudomblés e os papaes me diziam que eu ganhava; fiado nisso...

—Fizeste quanta bandalheira imaginaste.

E que historia é uma de certa viúva rica, de quem te inculcaste procurador?

—Ainda ahi nova taboca, meu capitão!

Queria ver si a pilhava o pilhava-lho



os cobres, gastei perto de 400\$ e quando a pedi em casamento, a viuva abanou com a cabeça, que foi mesmo um repellão dos seiscentos; repellão ainda maior, porque querendo cobrar o que gastei, perdi também a demanda!

—Ficaste sem amor e sem dinheiro! Mas também o que querias si já tinhas illudido a Verissima e a reduzido á miseria?

De ti, meu patifão, sei já de duas; para a terceira o muxingueiro se entenderá contigo, para o que vou já expedir as convenientes ordens.

—Capitão, eu quando cheguei implorei compaixão.

—Ter compaixão do infeliz é ser ebaridoso; obrar charidade cifra-se em cumprir as obras de misericórdia; uma dellas é castigar os que erram; tu erraste; logo a compaixão que eu posso ter para e contigo é mandar o muxingueiro dar-te juiso.

—Terrível código o de Labatut! Capitão, V. Ex. modifique a conclusão do seu sorites que me faz muito mal ao lombo.

—Muxingueiro, si terceira vez, este diabo vier a bordo, não perguntes, obsequia-o: por alimento 100 calabrotadas; por bebida mordaga; por talheres anginhos. E si quizer mais tarde um banho, deita-lho ao pescoço uma boia de 20 mil arrobas e manda-o brincar com os peixes.

—Tenho ouvido, Exm..

—Não ha policia nesta terra! Quando apparece algum guarda, é para espancar africanos ou para prender a quem insultou a patrulha. O insulto é dizer que um preso não deve ser espancado.

—Ora!

—E' assim que um negro foi, antehontem, roubado, espancado e preso; é assim que no domingo houve um *vavá* dos diabos la para o Baluarte e o inspector nem appareceu, a patrulha ninguem a viu.

—Mas que foi?

—Quatro capadocios entraram pela caza de uma familia, cujo chefe está ausente, insultaram-na, offenderam-na,

pateiaram-na e foram-se! Eram um celebre Beijo rachado, um Caldeira filho da Trindade, um tal Henrique Ribeiro, e outro diabo, cujo nome não adianta o caso.

—Sem duvida iam todos mamados. E amanha Beijo-rachado ha de dizer que é serio, casado, advogado, parente do cons. Zacharias etc. e tal.

—Pobre diabo!

—E pobre policia que se não pode com effeito arranjar com taes importunos barulhentos!

## VARIÉDADE.

Um jornal americano conta o seguinte: Um medico materialista quiz ultimamente sustentar contra um famoso orador sacro a doutrina da não existencia da alma, e para este objecto fez ao reverendo padre as seguintes perguntas:

Já viste alguma alma?—Não.

Já ouvistes alguma alma?—Não.

Já cheirastes alguma alma?—Não.

Já saboreastes alguma alma?—Não.

Já sentistes alguma alma?—Sim, graças a Deus, respondeu o padre.

Pois bem, proseguiu o medico, aqui temos quatro sentidos contra um para provar que a alma não existe.

Então o reverendo lhe replicou com estas perguntas:

Na vossa qualidade de doutor em medicina dizei-me:

Já viste alguma dor?—Não.

Já ouvistes alguma dor?—Não.

Já cheirastes alguma dor?—Não.

Já saboreastes alguma dor?—Não.

Já sentistes alguma dor?—Sim.

Nesse caso, continuou o padre, aqui temos quatro sentidos contra um, que provarão que a dor não existe, e todavia sabeis que ella existe.

O doutor ficou confuso e virou as costas, por não poder dar o troco.

Um official francez, tendo sido ferido com uma bala na coxa, foi transportado á sua casa, onde os medicos compareceram. Por oito dias elles trataram de sondar a ferida em busca da bala. O official que soffria muito lhes perguntou o que elles procuravão. « Nós procuramos a bala que o feriu. « Com mil diabos! gritou o official, deviam ter dito isto antes; eu a tenho na minha algibeira.

Os nossos avoengos, ao fallar-lhes de uma multa, perguntavam:

—E' honrada?



Os nossos paes diziam:

—E' formosa?

Os da geração moderna, supprimindo sem dúvida alguma ambas as qualidades, contentam-se em perguntar:

—E' rica?

## A PEDIDO

—E' certo que o anno passado o Sr. Joaquim de Castro Guimarães foi o primeiro dos tres propostos em meza, na devoção do Bomfim, pelo thesoureiro José Maria Henriques Ferreira para o substituir, não sendo acceito pela meza?

—Consta.

—Pois surpreendeu-me bastante, este anno na occasião da festa, ler-se a eleição dos novos funcionarios e achar-se o Sr. Castro Guimarães na qualidade de escrivão.

—E' que o Sr. Castro Guimarães não servia para thesoureiro, até porque fallava-se que o Sr. Dr. Pedroso, pelas grandes obras que projectava fazer, so queria servir como juiz, sendo thesoureiro o Sr. Nicolau Carneiro Filho.

Agora o homem que muito no caso estava de servir naquelle logar é chamado para este, pois aquelle é para os *amigos de alguns mordomos protegidos*, e até por que a gente não pode concordar com tudo.

—E depois o cargo é de dar 300\$ rs e o dinheiro (ao menos para algumas pessoas) vale mais do que honra, probidade, caracter e intelligencia.

—Emfim que nos importa *negocio de branco*?

E' provavel que alguns honestos e independentes caracteres que afervoram a devoção do Senhor do Bomfim a elevem á altura a que miraram e para chegar á qual se esforçaram nossos antepassados.

—O Sr. tenente coronel José Joaquim Rodrigues Lopes, em ordem do dia, n.º 63, censurou ao Sr. commandante superior Carvalhal, por se dirigir, sem seu intermedio, ao presidente da provincia; citou para isso a lei.

Agora porém esqueceu ou fingiu ignorar a lei que manda tratar com um

posto de accesso o official que serve de commandante das armas; acabou de tractar em ordem do dia ao Sr. coronel Eustaquio por *senhoria*, quando devia dar-lhe excellencia!

—Deixe o homem! O caso não é para menos. Pois um *conselheiro-engenheiro* ser substituido por um coronel ahi!

—E reparou quanto elogio vem na ordem do dia! Só faltou ser elogiado o seu cabo Luiz.

—Já houve quem se lembrasse do cavallo *Amisade*, que realmente com amisade foi por muito tempo desfructado, apesar de ser da pobre *da nação*.

—Olhe que este mundo tem cousas!

—O Sr. Dantas tem passado uma vida regalada; boas festas que tem tido! Não ha uma semana em que S. Ex. não dê seu passeio.

—Mas é pelo bem publico.

La vac agora S. Ex. para o rio Pardo aplanar as difficuldades que possam sobrevir á navegação do vapor Sento Sé. Também so a censurar!

—E a elogiar, quando o merecer. Si bem que não haja merito em mandar calçar as ruas do Julião ao Bomfim, por que para ver tal necessidade não é preciso grande esforço de intelligencia, com tudo é digno de louvor o acto, por que não se fez até hoje, não se faria sabe Deus até quando, si o actual presidente não se lembrasse disto.

Receba por tanto o Sr. Dr. Dantas elogios por ter feito o que deveria fazer.

—Que quer? chegamos a uma epocha em que o cumprimento de dever é favor....

—O homem-camaleão, o politico-furta-cor, o *mestre-eschola* de Latro-nopolis, finge-se Jeremias: em vez de prantear sobre as ruinas desta terra como o propheta sobre as de Jerusaleem, lamenta a sorte de um homem honrado que acaba de soffrer uma grave injustiça.

Mas a consciencia do miseravel está sempre abaixo do seu *interesse*; sabe a razão porque foi *destituído* o medico, o



militar, com algumas dezenas de annos de serviço, sempre respeitado, sempre elogiado, sempre honesto; ennumerava os serviços do doutor; faz ver a grande familia que sustenta e as que delle dependem; mas não stygmatisa o tyranno por meio de quem tal injustiça se fez! O *interesseiro*, ainda pelos laços d'amisade não é capaz de protestar contra a arbitrariedade de quem esmaga o amigo, so porque os cevardes figuras, os mandões de berra lhe pagam quatro ductos de podre incenso!

— Como ha de elle dar a rasão, quando ella so pode servir para anatomisar os corações mesquinhos dos entes rancorosos que commetteram uma infamia, que muitas commetteraõ? Como, si elle sabe que o *seu amigo* soffreu por ser amigo do *seu inimigo*?

Bem feito! quem o mandou fazer versos? Sahi-lhe caro o aerostico.

— Ainda bem que V. o sabe!

Avalie por ahi o de que é capaz o tal republicueiro dos principios-pouco e dos homens-tudo.

— Capitão, venho representar contra o proceder injusto do inspector da thesouraria geral de Latronopolis.

— Diga-se.

— Não é praxe ficarem por mais 6 mezes n'alfandega os empregados da thesouraria encarregados da revisão dos despachos?

— Assim o tem declarado o proprio inspector em algumas occasiões, e tanto que não consentiu por mais tempoudos empregados, cujos nomes não me occorrem agora á mente.

— Pois creia que estão n'alfandega dous empregados da thesouraria a revistar despachos (sinecura completa) um de nome Matumbas, ha perto de tres annos, e outro por nome Jambo a caminho de um.

— O inspector é praxista de nota, amigo de equidade.

— O que eu julgo que elle é é um amante extremoso do filholismo; os meninos são realmente credores de patronato, um pela doçura do nome, ambos por *conservarem e receberem* o orde-

nado por inteiro, revistando despachos, trabalhando até as 11 horas!

— Saffa!

E chama V. a isso patronato! Os homens a trabalhar até 11 horas da noute! Pobres victimas!

— E quem lhe disse, capitão, que as 11 horas eram da noute?

Os homens antes do meio dia concluem a revista, e andam a encher de pernas as ruas e as lojas e a tractar de politica.

— Homem, si tem inveja, faça assim tambem; cabale para ser empregado na thesouraria.

— Capitão, ainda que eu o fosse, taes commissões não recahiriam em mim, que la ha meninos mais bonitos, melhor prendados e optimamente apadrinhados.

— Percebo-lhe: o Sr. quer dizer *amor* e a lingua não o ajuda!

— E' isso; adeus; eu breve volto para desinvolver o mecanismo da cousa.

— O que tem aquellas mulheres que vão tão zangadas?

— Queixam-se que foram na sexta-feira 29 do p. p. fazer uma romaria ao Senhor do Bomfim, levaram meia arroba de cera, deram uma esmola soffri-vel em dinheiro, mandaram dizer uma missa incensada e depois foram ao zelador pedir uma medida e este não só negou como tratou-as mal.

— Tenham paciencia. O Senhor do Bomfim este anno está fazendo obras, e não tem dinheiro para ninharias.

### Capitão,

Pergunte ao Sr. Bastos, morador ao Barbalho, si elle consente que seu escravo ande saltando as cercas dos quintacs alheios, para furtar jaccas, todos os dias e noites.

E diga-lhe que o escravo furta tambem fumo dos charutos que se faz em casa, para vendel-o na rua.

E' uma pergunta e uma participacão que lhe faz um visinho que se julga bom e que não quer questões na vistanhança.

*Um prejudicado.*



Oh! que grande novidade!

Que descoberta se fez!

El-rei D. Mané de Souza

Não é Solano Lopez.

Isto diz muito vaidoso

Mestre-eschola interessei-o;

Não que tenha consciencia,

Mas porque lhe dão dinheiro.

Os nomes não são eguaes,

O nome ao caso não vem,

Si é tyranno o Lopez

Mané de Souza é tambem.

Queres a prova, moreço?

Olha o pae, o neto, o irmão,

Olha o filho, olha o marido

Como para a guerra vão.

Algemados uns vieram,

Outros em pranto ahi stão;

Estes rotos, maltrapilhos,

Vem descalços do sertão.

O pranto alli corre em jorros,

Converteu-se a terra em mar;

Pois no pranto das viúvas

E' que el-rei vae se banhar.

Sacia ahi sua gana,

Seu desejo de ser *cousa*,

Vão *recrutas* para o Sal,

Triumpho Mané de Souza.

Stás satisfeito, leproso?

A lepra que te destróe

E' a mesma que o moral

De Manesinho corróe.

—Não loco mais, que não posso!

—Toque, que é por ordem do commandante.

—Sacco vasio não se põe em pé; estou tocando desde manhan sem comer; não é possivel.

—Porque não comeu em sua casa?

—Não sabe que eu vim para aqui desde hontem? E que não tenho escravo para me trazer comida tão longe?

Sempre se deu comida á musica militar que vem tocar.

—O commandante disse que á tarde mandava dar dez tostões a cada um de gratificação.

—Agradeço. O meu quero dar de esmola para o Senhor do *Bomfim*.

—Capitão, aqui lhe trago pelo cangote este sujeitinho, que tirei das garras de dous que iam com elle aos puxavantes lá para o Porto da lenha, no Mau Fim.

—Quem é este diabo?

—Ha um anno que o carreguei, no dia de Reis feito *Maria Madeira* com o *Sallustiano*.

—Oh! Rei dos moleques, que fizeste de novo?

—Ja não sabe o costumado?!

—Ainda não tomaste vergonha?

—Como, si pau que nasce torto tarde ou nunca se indireita!

—E ja ensinaste os marotos, de quem disseste que te havias vingár?

—Ora deixe-me! ainda não os encontrei.

—E que tu podes ensinar, quando precisas apprender na coxeira de *Ariani*?

—Sou homem de importancia, capitão. Pois não viu-me conversar com aquelles dous moços na egreja?

—Vi-te, mas vi-te logo depois a conversar com dous moleques capadocios, em tudo differentes dos primeiros.

E a graça é que ainda achas quem te aperte a mão!

E o que admira é que um delles seja aquelle mesmo de quem abusaste com uma carta falsa.

—O moço perdoou-me, capitão.

—Mas não te perdôo eu, patife.

Muxingueiro!

—Ja quatro duzias de bollos no Rei dos moleques; e, si for possivel, trancafia-o no porão até que chegue a quaresma, para ver si esta peste com a penitencia toma geito.

—Sim, Sr.

—*Quem não é por nós é contra nós.* São palavras que todo capadocio pronuncia e que cabiram da bocca do rei....

—Dos judeus.

—.... dos egoistas, acaba de dizel-o o homem do *interesse*.

—Coitado! nunca leu o Evangelho o pobre do mestre-eschola.

—Ignorante! Sempre o comi por al



guma cousa illustrado; mas agora reconheço que tem rasão os que dizem que sua sciencia é bem desinvolvida no ponto do *venha-a-nós*. Não pode portanto estar em dia com as palavras do divino Mestre (que tangia a chicote os especuladores do Templo) quem vive especulando com a inepecia de um governador, capaz de levar as lampas a Bertholdinho, so para ter quatro vintens de que não precisaria si se lembrasse de presar a dignidade que alguem lhe emprestava em certo tempo.

—Safa!

—Capitão. . . .

—A que vens?

—Noticias do tal escrivão do arsenal de guerra de Latronopolis.

—Diga, diga, que estou ancioso.

—O *cujo* lendo ou sabendo do primeiro escripto que começou por descobrir-lhe a melgueira, bradou que os authors *daquillo* mereciam lama na cara; que se apresentassem os patifes, que elle daria um alfinete de brilhantes.

—Admira que hoje lhe sóbro dinheiro para brilhantes, quando lhe faltou para o titulo do emprego, despeza que foi feita, a seu pedido, por quem *faria* o fornecimento da tal madeira que lhe fallei.

—Quem foi que alcançon do mesmo 50\$ para certos arranjos, além da promessa de 600\$ para mobilia, dos quaes só se pode obter 200\$? São estes os 200\$ de que lhe fallei.

Ficam os 400\$ para quando se fizer a entrada das cossueiras, que ainda se não realizou.

Mas sim. Enfurecido como estava, depois de muito rugir, *roxo*, de muitas *borracheiras*, apresentou para sua defeza documentos *ad hoc*, do mesmo modo que tem arranjado avisos para apadrinhar certas reformas, que tem feito por ca, bem como os de 4 de outubro de 1862 e de 24 de abril de 1865. . .

—Continúe, que estou gostando.

— . . . o primeiro tractando de receita e despeza e o outro que o consti-

tuia secretario do conselho de compra do arsenal de Latronopolis.

(*Continúa.*)

## ANNUNCIOS.

Gratifica-se com 8\$ rs. a quem entregar um relógio de prata galvanizado de n.º 41829 com cadeia de ouro de 18, que foi furtado no Bomfim pela companhia do olho-vivo a Manuel Francisco dos Santos. Outro sim, pede-se aos Srs. relojoeiros o favor de apprehender, caso lhes seja offerecido semelhante relógio. Na travessa do Cruzeiro, n.º 3 A se encontrará o annunciante.

Quem perdeu um cachorrinho de raça ingleza, vá á rua do Paço n.º 52 que dando os signaes certos e pagando a despeza do annuncio, lhe será entregue.

O collegio de meninas Santa Izabel, á ladeira da Baixa dos Sapateiros, abre-se no dia 3 de fevereiro. O incançavel zelo das directoras tem apresentado meninas (bastante assiduas) promptas em dous annos de ler, escrever, contar e todas as prendas domesticas, como seus paes, tutores etc., o poderão attestar. O mestre de dança será o Sr. Bastos—nesse collegio não ha castigos de qualidade alguma, conseguindo se adiantamento espantoso pela amenidade e carinho das directoras D. Joanna Maria da Silva, D. Perpetua Maria da Silva e D. Narcisa Maria da Silva.

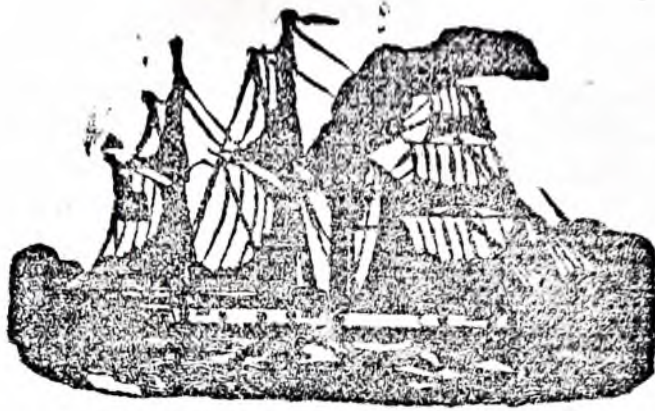
### Aos tanoeiros.

Vende-se uma porção de barris, prompts e por apromptar, baldes, tinhas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.

Vende-se uma boa casa terrea situada na freguezia da Penha, rua do Arcial de Itapagipe, de n.º 21; quem pretender dirija-se á freguezia de S. Pedro, rua do Duarte n.º 13 para tractar.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

SERIE 31.ª

BAHIA 20 DE JANEIRO DE 1866.

N.º 312

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 120 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, perguntando-lhe si não ha uma postura que prohibe vender-se laranginhas e outros objectos para o entrudo; e no caso de havel-a, indagando o motivo por que os fiscaes consentem que em toda parte sejam elles vendidos.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, na manhan de 19 do corrente, dous empregados varredores da limpeza publica, na rua Atraz da Sé, insultaram um tabareu e escovaram-lhe depois o pello com o cabo das vassouras.

Parece que tal procedimento não é o mais conveniente, e espera-se portanto de S. Ex. que procure evitar conflictos que de tal graça possam provir.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que faça conduzir ao curral do Conselho uma immensidade de porcos, que existem em uma quinta ao pé da padaria de Guadelupe, depois de applicar a conveniente multa ao dono de taes porcos. Cumpra.

—Anna, escrava de Maria da Gloria, está liberta!

—Custou a alforria 1:300\$.

—A commissão que agenciou a assignatura é composta dos Srs. Antonio Francisco Brandão, Antonio de Freitas Paranhos Junior e Francisco Xavier Catilina, a quem Anna agradeceu o grande favor que lhe fizeram, assim como a todos os subscriptores e ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, que é realmente credor de elogios pela feliz lembrança que teve.

—E nisso ficamos.

—V. conheceu Fumaça?

—Conheço.

—Conhece não, que ja morreu.

—Morreu! Quando?

—Entrou para o hospital sem charidade, sahiu delle por são, e morreu no dia seguinte na caza da moeda.

—Pobre Manuel Francisco!

—Decantada charidade!

—Mané da Hora, socogue!

—Mané da Hora, deixe-se disto!

—Mané da Hora, não brinque!

—Mané da Hora, olhe que o diabo é sujo!

—Mané da Hora, isto não é graça!

—Quo diabo de tanto Mané da Hora é um!

—E' aquelle menino, empregado na limpeza que se põe a ameaçar os com-



panheiros com uma faca e que diz que tendo vontade de dar facadas, quer aproveitar a occasião para dal-as *sem intenção*.

— Bons empregados tem o Sr. Costa Guimarães!

— O chefe de policia, si achar que não desce de sua dignidade, que providencie a respeito.

— O *Progresso* declara ao *Alabama* que o Sr. Aristides Augusto Milton não é o author dos artigos que no primeiro dos dous periodicos tem sido publicados contra o Sr. Dez. L. A. Barbosa de Almeida.

— E quem o disse?

— O *Progresso* diz que o *Alabama* de 4 do corrente.

— Pois eu garanto ao *Progresso* que está muito mal enganado.

— E' grande o desaforo que se dá nos açougues! Carne podre, mal pesada, cara, cheia de ossos e o diabo a quatro! E os fisceaes a dormirem!

— Que quer? Si os proprios cortadores arrotam intimidade com o subdelegado!

— Ora não diga!

— Os da Baixa dos Sapateiros dizem a quem os queira ouvir: Que remedio tem os fisceaes, sinão *combinarem* conosco, quando temos por nós o subdelegado que é um bonacho e que nunca confirma uma multa?

— Bom! E' por isso que aquelle Sr. Lino tem o desaforo de maltratar a quem lhe vae comprar.

Não sabe o que fez agora?

— Não, mas desejo saber.

— Entrou alli uma mulher e pediu-lhe tres libras de carne; o sujeito cortou duas libras; a compradora reclamou; «Não ouvi, respondeu elle. E trouxe para a balança um frangalho de carne com uma porção de ossos quasi moidos.

«— Sr. eu vim comprar carne, e isto é osso.

«— O osso tambem é do boi; onde quer que o bote? quer que o bote no az da mãe?

«— Deito no da sua.

«— Ah! tem a carne; e atirou-a ao balcão, cahindo ella ao chão.

«— Ah! tem o dinheiro, disse a offendida, atirando-o tambem ao balcão e indo parte delle cabir no interior do talho.

«— Dê-me o resto do dinheiro.

«— Sr., cahiu dentro.

«— Aqui é onde eu costume deitar o dinheiro que recebo, e não sei si o seu ahí está; quero outro.

E nesse *dize-tu, direi eu*— ficou o sujeito com a carne e com o dinheiro, e a mulher inteiramente lesada!

— E' com effeito digno de admirar-se o caso!

E de maior admiração é mercedor o fiscal, que nunca se acha presente, que nada vê!

— E a dar-lhe! O que é credor do espanto, de pasmaeira e bocca aberta é a *bonhomia* do Sr. subdelegado que é realmente um anjo de paz, que quer ficar bem com todos, mas que se esquece de que os consumidores não lhe podem querer bem.

— Pobre terra!

## LA VAE VERSO.

### Carta do compadre da cidade ao compadre da roça.

Sr. compadre — Ha bem tempo  
Não lhe atigo uma das miolhas,  
Pois agora la vae esta  
Contando certas cousinhas.

Saiba que fui á lavagem  
Que foi muito concorrida,  
Foi uma função d'estouro,  
Cousa gostosa, esplendida.

O que não sei lhe dizer  
E', si é por devoção  
Que s'abala tanta gente,  
Ou por simples distracção.

Só sei é que neste dia  
Bicho careta não ha  
Que deixando a cidade  
Para a lavagem não va.

E' bello estar á janella  
Logo pela madrugada  
Vendo passar a crioula  
De vassoura, e requetrada.

De balho na cabeça  
A dengosa mulatinha,



E' gostoso contemplal-a  
Como faceira cauiúha.

Ver goducho taverneiro  
Com a cara avermelhada  
Muído d'uma bem grossa  
Vassoura toda enfeitada.

O proprio inglez esquecido  
Que chega o vapor inglez,  
Deixa fechado o escriptorio  
E lá vae por sua vez.

E' um dia de mão cheia  
Que se passa no Bonfim,  
Bem poucos dias na vida  
Se podem contar assim!

Quanto thesouro *occulto*  
Apparece nesse dia!  
Primores da natureza  
Que tem suprema valia!

Eu quizera ter uns olhos  
Que fossem devoradores,  
Que meu peito fosse rede  
E meus labios pescadores.

Depois de ouvirem a missa  
Dão principio á funçõnata,  
Reunido-se em commum  
Branca, crioula e mulata.

Abi é que está o choro,  
Meu compadre de minh'alma,  
Si chamam isso martyrio  
Do martyrio eu quero a palma.

Qual será o coração  
Que por mais empedernido  
Mirando aquelle painel  
Não se sinta derretido?

Haverá peito tão dardo  
E capaz de supportar  
Os *me-deixes* da crioula  
Sem de prazer se babar?

Quem po le ver imprisivel  
A cabriúha delicada  
Mostrando mimosa perna  
Roliça e bem torneada?

O jarreta amortecido  
Com 60 annos de idade,  
Carrega seu pote d'agua  
Com presteza e agilidade,

Somente para poder  
A mulata acompanhar  
Que la foi ao chafariz  
Seu pote d'agua buscar.

O padre depois da missa  
Tira a batina e la vem,  
Para junto das crioulas  
Lavar o adro tambem.

Não esperam que a lavagem  
De todo lindado tenha,  
La vae a passaralhada  
A' praia carregar lenha.

Na frente Marcos barbeiro  
No zabumba vem tocando  
Um bem tangido lundú;  
E toda gente sambando.

Vem muita *fazenda fina*  
E cousa grossa tambem,  
Vem Mafalda do Querino  
E Mariquinhas Bem-bem.

Vem Olegaria da tulha,  
Vem Helena, vem Rosaria,  
Vem Ignezinha do Pinto,  
Vem Salomé, vem Macaria.

Vem Izabel do Cruzeiro  
E Maria matadeira,  
Bernardina do Balbino  
E Maria sapateira.

Maria Gloria la vem,  
Maria-rica, do peixe,  
Poleheria, e Severiana,  
Cada uma traz seu feixe.

Felicidade Vovó  
Que ainda não perde vaso,  
Martinha boi, e Mosqueta  
Com toda gente de casa.

La vem Miguel Peixe-Galo  
De lenha um feixe trazendo  
Faz rodilha d'umas calças  
Do Moysés, q'stá cozendo.

O Custodio que é um homem  
Por crioula apaixonado  
Vem no meio do farrancho  
Com um *ramo* acompanhado.

Tambem vejo certo medico  
De *vela accesa* na mão  
Para accender as foguciras  
Quando for occasião.

No centro la vem sambando  
O Barros das Olveiras,  
Com Jeronyma e Umbelina,  
Duas crioulas faceiras.

Mais atraz vem um doutor  
Cujo gosto conhecido  
E' querer só desfructar  
Aquillo que é prohibido.

Quem fecha o rancho? aposto  
Não sabe como se chama;  
E' o uosso João de Deus,  
Aspirante do *Alabama*.

Agora faço reparo  
Q' esta vae muito comprida;  
Não vamos a estafar:  
Chupe aqui a despedida.

O mais que se tem passado  
Dirá com simplicidade  
Outra vez que lhe escrever  
O *compadre da cidade*.



## A PEDIDO

—Capitão, mais uma.

—Qual?

—Um cavalleiro ia, na noite de Reis ás 9 horas, pela Munganga, quando encontrou-se com o Rei dos moleques, em quem quiz metter o chicote; caminhou para elle, pegou no chicote pela ponta e com o cabo ia dar-lhe em grosso. Infelizmente o chicote cahiu e, *oh! pudor!* . . .

—Rei dos moleques aproveitou a occasião? virou o feitiço contra o feiticeiro?

—Qual, Sr.! nem nisso falle! O covarde do Rei de copas apanhou o chicote, entregou-o ao seu offensor, pedindo-lhe miseravelmente que o não offendesse; que pelo amor de Deus tivesse compaixão d'elle; que elle nunca o tinha offendido; que era falsidade o que disseram que elle tinha dito contra o moço.

—E que fez o cavalleiro?

—Perdoou áquelle pobre diabo que so tem lingua e coragem para attribuir o que elle falla ao pobre do Thomé,

—Ah! quanto não terá soffrido aquella celebre carcunda!

—Não sei; é certo porém que em casa sempre elle entra bem fresco!

—Covardão!

—Ora que desfructe!

—Qual?

—Pois aquelle subdelegado, si ha de tomar conta do que vae pela freguezia, anda servindo de bobo?! Deixa os cadaveres insepultos e vem para a cidade, rondar a porta da casa. . . . da casa. . . .

—E quem viu?

—Tem até um ordenança á disposição, o qual fica na praça a observar a ladeira.

—Como se sabe?

—E o que é que neste mundo não se sabe? Houve um barulho grande com um apaixonado e o ordenança que prohibia a entrada.

«Com que direito faz isso?

«Sou mandado e por authoridade.

«Mas isso é improprio da authoridade.

«O remedio é deitar *sal-ás-moedas*,  
«Não repliques!

«Acudam-me os anjos! pombinhas appareçam!

—Não admira o ordenança; o subdelegado é que é cravo

Onde viu-se uma authoridade andar aos sopapos com certa gente?

—Que quer? Fazem subdelegado a um pombista!

E' homem que recebendo um officio do chefe e o criado lhe dando a ler, elle manda deixal-o de parte, por que quer, por exemplo, pegar duas betas que passaram pela praça.

—Ora não continue, meu moço. Si insiste no desfructe, volto á carga e ponho-lhe os podres na rua; declaro-lhe o nome, a freguezia, e é quanto basta.

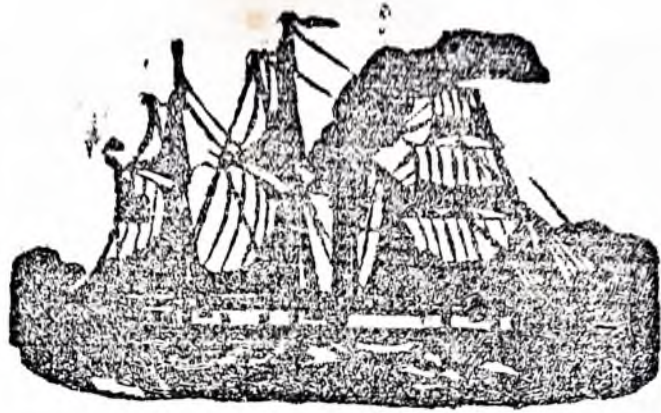
## ANNUNCIOS.

Continúa fugido desde o dia 13 do mez passado o mulatigbo Maximiano, escravo de D. Olympia Joaquina de Oliveira. Tem 12 annos de idade, magro, olhos vivos, beiços grossos, muito fallante, a testa com uma saliencia de cada lado. Quando fugido costuma dizer-se forro, não ter mãe nem pai e mudar o nome. Sabe ler, e escrever um pouco. Sahiu de casa, tendo o cabello cortado a meia cabelleira, palitot e calça de brim azul desbotado, camisa branca, botinas de couro e chapéu de palha da Italia. Já foi visto de trajo mudado, uma vez no largo da Piedade, com uma cesta na cabeça em companhia de um homem, outra vez na Barra, onde depois informaram que havia seguido para Itapuan. Ultimamente tambem foi visto vagando pela roça do Gantois.

Quem o levar a sua senhora na rua da Lorangeira casa n.º 102 terá 25\$ de gratificação.

Quem perdeu um cachorrinho de raça ingleza, vá a rua do Paço n.º 52 que dando os signaes certos e pagando a despeza do annuncio, lhe será entregue.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

24 DE JANEIRO DE 1866.

SERIE 1.<sup>a</sup>—N.<sup>o</sup> 1.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, a 1<sup>o</sup> rs. por serie de 10 numeros, pagos adiantado. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

Hoje começa o primeiro numero da primeira serie do 4.<sup>o</sup> anno do *Alabama*.

Pede-se aos Srs. assignantes que devem tres e mais series, o favor de saldarem suas assignaturas, sob pena de serem suspensos como remissos.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe, por quem é, que olhe para a rua de Baixo. . . . .

Ha talvez seis mezes que existe alli um buraco a esperar por quem passa; não ha gazeta nesta terra que não tenha pedido que seja coberto aquelle abysmo; a Illma. entretanto não se move até hoje!

Espera-se providencia.

—A' mesma, participando-lhe quodous outros buracos se acham, um á rua do Ateial e outro ao Cruzeiro de S. Francisco, advertindo-se que para elles não é a primeira vez que se chama a attenção da Illma.

—Ao Sr. subdelegado de Santo Antonio, pedindo-lhe que faça com que o fiscal competente multe os donos de certos burros que andam por todas as

ruas dessa freguezia, a toda hora, especialmente pelo Barbalho e Lapinha; visto que parece que ha por ahi alguma cousa que prohibe tanta liberdade a taes brutos que se divertem ás vezes em pisar a gente.

—A' empreza do cisco, pedindo-lhe que, ao menos por *coherencia*, mande acabar com um monturo que estão creando nas suas ventas, sem que o cheiro e os insectos tenham feito dar cavaco aos burros da cocheira, nem ainda a quem os cura.

—Mais um brinquedo da companhia Bahiana! Intende que deve comprar navios velhos e impingir na Bahia por grande cousa!

A sede do lucro não lhe deixa ver o risco que correm os que lhe dão dinheiro para sustentar-se!

Reclama-se diariamente contra a antiguidade dos seus vapores, contra o seu mau estado, e felizmente cada reclamação não é acompanhada de um sinistro; mas os sinistros dão-se ahi todos os dias.

Que querem?

Si fazem navegar um *Progresso* sem proa! Si a capitania do porto consente!

Forte miseria!

—Mas a que vem sua declamação?  
—Declamação! Pois não sabe! O va-



por *Paraguassú* foi a piquo no domingo, à noite, com luar claro, indo elle de encontro ao *Lucy*, o estando ambos de pharões accesos, e cheios de gente.

—Que diz?! Impericia do capitão? mau estado de seu cerebro? teria jantado? estaria cego?

—Fosse como fosse, o caso deu-se; si tão perto não fosse da ponte, poderiam ter ido ao fundo mais de tresentas pessoas que em ambos navegavam.

Ja um dia da semana passada o vapor de Cacheira ia levando a breca, com um rombo no costado e a unhas de cavallo galgou o porto.

—Deus queira que a *segunda edição* de sinistros da companhia Bahiana aqui dentro do porto, desperte as authoridades, si é que ha alguma incumbida de velar pela vida dos cidadãos que confiam em uma empresa negociante e só avida de ganhar dinheiro.

—Si for a se esperar pelo que venha de cima, estamos bem servidos.

O melhor é o povo não concorrer á companhia, que ja um idiota me disse, que sendo composta de inglezes, tem interesse de matar os brazileiros, para ficarem elles senhores da terra.

—Ora cebolorum!

—Dizera que appareceu nos mangues do Uruguay (freguezia da Penha) o cadaver de uma mulher, isto no dia 14 do corrente.

—Que houve?

—O subdelegado procedeu no dia seguinte a corpo de delicto.

—Que tem a censurar?

—O corpo la ficou e la está.

—Sabe si deu o subdelegado ordens ao inspector?

—Ignoro. E quanto á inspectoría do Uruguay conversaremos largamente.

—Louvores ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia!

—Que ha? que fez elle? salvou a patria?

—Fallemos serio. Não salvou a patria, mas pode ser que o deseje.

O que é certo é que vejo cães mortos pelas ruas, e não pode ser sinão o resultado de *bollas*.

—Ah! é verdade. Foi feliz a ideia que teve S. Ex.; os cães são innumeros, atropellam os viandantes, escandalisam a moral, à noite incommodam a quem quer dormir, e nesta estação calmosa são atacados de hydrophobia; S. Ex. fez por tanto muito bem em mandar matal-os; merece realmente louvores.

—Mas ha uma cousa; os cães mortos não correspondem ao grande numero de vivos que ha; não deixa de haver indolencia da parte de quem está incurrido de matar estes.

Não seria mau que o Sr. chefe de policia fizesse activar o trabalho dos *mata-caehorro*.

—E recommendasse terminantemente ao Sr. ex-tenente coronel Costa Guimarães que não deitasse os cães mortos no centro da cidade.

—Que duvida! Seria bonito que a *limpeza* enchesse de cães mortos a roça, ao rio das Tripas, em que mora o Sr. professor Antonio Alvares dos Santos!

—Teria pouco de que admirar-se; o mesmo professor tem consentido que toda a immundicia seja alli depositada, de sorte que quem mais vem a soffrer são os pobres habitantes de Santo Antonio, bafejados pelas auras que de la refresem.

—Eu tenho fe no chefe de policia. Depois o homem da limpeza mesmo é que ha de pagar.

—A directoria dos estudos declarou que as ferias do Natal concluem-se a 15 de janeiro.

Assim é; da parte da imprensa houve equívoco, engano, erro.

Mas hoje são 22 de janeiro e ha mais de uma aula em mais de uma freguezia, cujos professores ainda se não dignaram dar um ar de sua graça.

—Disseram-me que no Bomfim, quando ha fogo, não sobem ao largo cavallos nem carros; é certo?

—E' velho.



—Pois consta que, apezar da ordem, na noite de Nossa Senhora da Guia, S. Ex. o Sr. Dr. chefe de policia mandou subir o seu carro.

—Não duvido.

—As sentinellas oppuzeram-se; mas o esforçado defensor das leis e das charidades intendeu que sua palavra não devia tornar atrás, o mandou ás sentinellas ordem de deixarem o seu carro subir.

—Cousinha. O menos que podia succeder era subirem todos os carros e cavalleiros a atropellarem o povo, graças ao Sr. Junqueira que provocara tal scena.

—De certo; ninguem tem obrigação de obedecer a intimações, nem de executar leis que a authoridade é a primeira a desrespeitar e transgredir.

## A PEDIDO

—Ja se não pode, capitão, com as gondolas!

—E' ir para os vapores.

—Peior a emenda que o soneto; *la*, si ha destroço, a gente molha-se e pode ser que va ceiar com os peixes; *ca* o mais que pode succeder é plantar-se com o costado nas pedras ou quebrar-se a cabeça e as pernas.

—Pois então, dous proveitos não cabem n'um sacco.

—Mas é que deve haver quem intervenha, quem fiscalise tudo em que o publico concorre com seu dinheiro; tanto vapores, como gondolas devem estar debaixo das vistas da policia.

As gondolas, não direi sempre, mas quasi sempre, em dias de festa principalmente, não são agradavel nem comoda passagem para o publico; são um pessimo meio de conducção. Todas ellas ficam no meio do caminho; agora cabe a roda, mais tarde quebra-se o eixo; logo cabe o burro; hontem partiram-se os tirantes, hoje emperrearam as bestas, e assim por diante. De maneira que quem pagou sua pataca, seu selo e um vintem, seus dez tostões, ha de galgar metade do caminho a pe, porque a gondola não anda, os burros não seguem.

E' preciso um termo a isto.

—Os Srs Arianis não deixarão de attender a tão justas reclamações; dirijam-se a elles que serão servidos.

—Pois bem, si elles são bons moços, eu vou ter com elles.

—Dizem que vão offerecer uma espada de honra ao Sr. tenente-coronel José Joaquim R. Lopes

—Não acho bom. Si tal ideia não vingou quanto a S. M. o Imperador, por não ter elle se achado em fogo, como é que a vão dar ao Sr. conselheiro, que não tendo armas para aqui commandar, andava a cavallo visitando as egrejas?

—La se avenham; sua alma, sua palma.

Tambem quem dá uma espada bonita quer vol-a zelada, e o melhor meio é tel-a guardada na bainha.

—Sabe d'uma cousa?

—V. dirá.

—O Ariani prohibe que entrem mulheres nas cocheiras que lhe pertencem.

—Acho bom.

—E eu Na quarta feira achou elle uma na cocheira de S. Bento, fechou as portas e mandou chamar o subdelegado que prendeu a rapariga.

—Que tem isso?

—Tem que a rapariga era menos culpada que o caixeiro que a chamou e este nada soffreu.

—E queria que o subdelegado prendesse um empregado particular que apenas peccara contra a disciplina interna da caza?

—Não; mais queria ao menos que o subdelegado de S. Pedro scubesse que o largo do Theatro é freguezia da Sé e não se mettesse portanto em *invadir o territorio alheio*.

—E eu estou admirado da presteza com que elle acudiu ao chamado do rico proprietario e negociante.

Reclama-se-lhe tanta cousa pela imprensa, e S. S. nem dá signal de vida! . . .

Nessa mesma noite, andavam pela freguezia de S. Pedro quatro capadócios a tomar os pannos das mulheres,

Consta que uma prejudicada foi queixar-se e indicou quem eram os sujeitos, mas que S. S. não deu importancia a isso, porque os criminosos não moram na freguezia.

— São cousas!

— Graças ao digno Dr. juiz de direito da 2.<sup>a</sup> vara criminal, acha-se livre Candido Ferreira dos Santos, que se achava preso ha dous annos e sete mezes como captivo.

Receba pois o mesmo illustrado, recto e hourado magistrado os louvores que lhe rende um admirador, pelo seu imparcial *habeas-corporis*.

*O justiceiro.*

### Tiroteio.

Uma fera, ja cansada  
De nas mattas passeiar,  
Intendeu que pelos rios  
Deveria navegar.

*D'anta* que era tornou-se  
Em pinto feio e goguento,  
Cabelludo em demasia,  
Toda em cima bexiguento.

Foi ao rio S. Francisco,  
P'ra sondar o *Sento Sé*;  
Visita o Jequitinhonha,  
O Pardo, o *Jerubúé*.

De la com cara de burro  
Virá ainda mudado  
(Nem espanta, de *cangalhas*  
Foi elle ja carregado.)

E assim como muda a cor  
O bicho camaleão,  
Cara de todos os bichos  
Tem o *liberal-tacão*.

*M. D.*

— O — S — da *Constituição* arvorou-se em Mentor; ensina á A. P. a maneira porque tem de proceder.

— E insiste no regulamento da instrucção, que chama funesto.

— Bem se o conhece; odio velho não cansa.

— Lembra até medidas que são do regimento interno.

— Fertilidade do moço, originalidade.

— Deus queira que o conselheiro não seja o primeiro que se va alli nutrir com questões pessoases e odiosas!

Sr. Redactor. — Consta com toda certeza que na ladeira de S. Francisco existe uma senhora que tem em seu poder uma criança, engeitada, a quem o pae supre; porém a dita senhora nenhum caso faz da tal criança que vive morrendo á falta de leite, á fazer horror.

Rogi-se a quem compelir que tome conhecimento de caso por amor da humanidade e pelo amor de Deus.

*Um observador.*

### ANNUNCIOS.

Continúa fugido desde o dia 15 do mez passado o mulaticho Maximiano, escravo de D. Olympia Joaquina de Oliveira. Tem 12 annos de idade, magro, olhos vivos, beiços grossos, muito fallante, a testa com uma saliencia de cada lado. Quando fugido costuma dizer-se forro, não ter mãe nem pai e mudar o nome. Sabe ler, e escrever um pouco. Sahiu de casa, tendo o cabello cortado a meia cabelleira, palitot e calça de brim azul desbotado, camisa branca, botinas de couro e chapéu de palha da Italia. Já foi visto de trajo mudado, uma vez no largo da Piedade, com uma cesta na cabeça em companhia de um homem, outra vez na Barra, onde depois informaram que havia seguido para Itapuan. Ultimamente tambem foi visto vagando pela roça do Gantois.

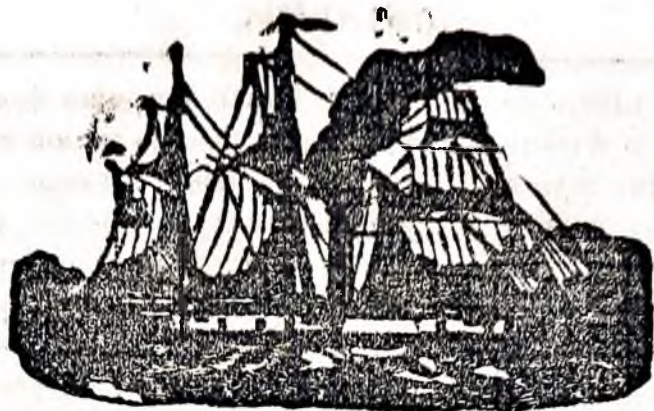
Quem o levar a sua senhora na rua da Lorangeira casa n.º 102 terá 25\$ de gratificação.

### Aos tanoeiros.

Vende-se uma porção de barris, promptos e por apromptar, baldes, tinhas, madeiras aparelhadas e uma rica caixa de ferramentas & &.

Quem pretender dirija-se a esta typographia que achará com quem tractar.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

23 DE JANEIRO DE 1866.

SERIE 1.—N.º 2.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

Sahe hoje o segundo numero da primeira serie do 4º anno do *Alabama*.

Pede-se aos Srs. assignantes que devem tres e mais series, o favor de saldarem suas assignaturas, sob pena de serem suspensos como remissos.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de janeiro de 1866.

Officio à camara municipal, participando-lhe que a fonte do Queimado se acha no estado mais elevado de porcaria, além de estar quasi destruida em suas bicas e cheia de buracos na proximidade.

Sendo aquella fonte uma das que fornecem melhor agua para o consumo, espera-se que a Illma. condoa-se da pobreza, que alli por cada barril poupa um vintem, sinão tres.

—A' mesma, participando-lhe que n'um sobrado às Portas do Carmo, defronte da botica do Sr. Andrade, se acha uma taboa na bacia da sacada em estado de cahir em cima de quem passa.

Espera-se que a Illma. mande o fiscal respectivo intimar o dono da casa para livrar o publico de semelhante precipicio.

—Até que enfim!

Ainda hontem reclamava-se contra os buracos e hontem mesmo um dos taes buracos ameaçou engolir um homem.

—Como foi isso?

—Sendo. Ha na ladeira da Misericordia uma boca de lobo destapada ha mais de um anno; a pedra que a cobria quebron-se, e por mais que a imprensa clamasse, por mais que os proprios fiscaes se esforçassem, a Illma. não reparou no mal que isso podia causar, apezar de por alli passarem diariamente centenas de aleijados e cegos.

Hontem vem um pobre cego encostado à parede, e quando menos esperava, submergiu-se em meio, graças a um filho do Sr. tabellião Jorge Ferreira, que o livrou de interrar-se todo pela trampa a dentro!

Ora isto é cuidar do bem publico?! E' assim que a camara cumpre com seus deveres?!

—E fica o caso em nada. O mais que pode succeder é taparem agora o buraco, visto que o brasileiro só fecha a porta depois de roubado.

—Vejam a camara municipal da capital da Bahia como é diligente, activa e energica.

«Sessão do 29 de novembro de 1863



—Expediente.—Um officio do chefe do policia, remettendo o do subdelegado de Santa Anna, sobre diversos canos particulares que desaguam no Jogo do Lourenço e Travessa das Hostias e uma boca de lobo na travessa da ladeira da Poeira para a Fonte Nova de S. Miguel. Ao fiscal da freguezia remetteu-se por copia para tomar em consideração.»

—Bello! De sorte que os fiscaes tem tambem obrigação de concertar bocas de lobo!

—E depois, fiscal pode dar providencias para que canos particulares deixem de desaguar para a rua? O remedio é um cano geral ou *real* que receba as aguas de seus *affluentes*.

—Esta carrara tem cousas!

—E tem; veja mais isto:

«Um officio do chefe de policia, remettendo o do subdelegado da Se. acerca de um pedaço de muralha à ladeira da Misericordia que ameaça desabar. Ja tinha ido por copia ao Dr. engenheiro para providenciar com *urgencia*.

—Ha mais de um anno que a imprensa pede providencias e a *urgencia* do Sr. engenheiro é realmente muito urgente!

—E' com effeito para fazer rir!

—Vem ca, jesuita!

—Ave, domine!

—Tu tens-me cara de paraguay; estou a crer que és o padre Duarte que anda foragido.

—Vous vous trompez; moi, je suis *francez*.

—Fallas bem! Mas, grego, romano, paraguay ou francez, Sr. padre, aqui nesta terra se anda com decencia e se acata a moralidade publica.

—Moi, qu' ai-je fait?

—Que fizeste?

Primeiramente não é decente um padre comprar bananas; nem este brujaco é vestimenta de sacerdote; não sei como os moleques ja te não mandaram cortar as pernas com estas ricas calças de casimira, para emendar a batina.

Depois isto não é sapatos; tem muita similhaça com as chatas do teu

Lopez, em uma das quaes pudeste talvez desertar; aqui chama-se isto broa, lanchão, alvarenga, qualquer outra cousa, menos calçado, bem que te ficam a geito as ferraduras.

Outra cousa é, quando vaes á eza da tua fregueza do Cruzeiro, entrares pelo interior, pões-te a rapariga, a contar mentiras e immoralidades.

E outro delicto maior teu foi o teres animo de propor á rapariga que te arranjasse uma viuva rica, que tu gratificarias.

Isso é de ministro de religião, a não ser paraguay?

Falla, anda!

—Eu não digo nada, je suis muet.

—Não quero mais mais que me falles em francez! tens entendido?

—Je suis *Pierre* et sur cette *piere*....

—Com uma pedra mesmo é que te mandarei ao fundo.

Oh! da proa, lancem este fardo ao mar!

—Capitão, por piedade: eu quero antes morrer como Judas ao pé da cruz no *convento de S. Francisco*; si por eu me chamar pedra quer dar-me pedra por castigo, serer segundo S. Estevam, e entregue aos moleques levarei pedradas a cheias mãos.

—Tens a rasão; o teu *fardamento* faz-me aproveitar-te a ideia; ficarás a bordo a pão e agua até que no sabbado de alleluia te mande entregar aos gaiatos.

—Que algazarra é uma alli na Praça?

—São os caixeiros do Coqueijo que se vão á noite *refrescar* nos banhos e quanto voltam entram n'um ou n'outro botequim, sabem brigando, dão pancadas, proferem reciprocas descomposturas, e fazem o diabo a quatro.

—Que diz?!

—Não são todos; ha entre elles alguns mais serios, mas os outros estão alli sentados ás escadinhas da camara e fazem um barulho dos diabos!

—Oh! da policia!



—Ha em Latronopolis um padre que tem uma cruz da qual fez gazia ou garras de gavião; come pombinhas e frangas, come franguinhos tambem, e como as vezes encontra alguns pintos nuèlos, *arranja* com que vestil-os. E' assim que indo em casa de uma *confessada* á rua d' Ajuda, em quanto ella veiu á porta fallar com um preto que a procurara, o *reverendissimo* gavião da cruz empalmou um capote de valor de 40\$ rs. e foi-se.

—Que tratante!

E' muito bom ter-se protecção dos grandes! merecia estar de corrente ao pé para não seduzir a infelizes; ficou impune, assentou praça no regimento do olho vivo! Que quer?

—Quem cabras não tem e cabritos vende....

—E a culpa recae no geral quando ha por ahi tanto sacerdote moralizado!

(Continuação.)

—Venha ca, meu velhaça! Então não se importa que o botem em todas as gazetas, apesar de ser publicados seus maus feitos? E' signal de ter muita vergonha.

Gostou da primeira?

Leve agora mais esta que apesar de menor é das boas.

Nesse gosto, a vender pentes quebrados, fazendas podres, deve estar tambem podre de dinheiro.

Mas é que escreve Deus direito por linhas tortas: á proporção que V. rouba dos pobres que lhe vão á tasca fazer gasto, leva-lhe o diabo os lucros.

V. sabe dizer-me de quem foi um moleque que sahiu á noute da casa do senhor e meia hora depois volton com uma facada por conta?

—Este moleque era do Sr. Victorio á rua Direita de Palacio.

—Pensei que era seu, que queria dizer-lhe que quem deve a Deus paga ao diabo.

—Coitado do Victorio! perdeu o pretinho, foram se-lhe aquelles cobres

—Como tem pena dos outros! Por que não a tens, quando fazes as mano-

bras e exercicios do olho-vivo? Pode bem fazer par com um cigano velho que é o coronel do regimento.

—Não tolero, capitão!

—Não?! E' pena!

E admira por que quem vir-se a braços com o muxingueiro sem dar cavaco, é capaz de soffrer o que não atura a mais rafada das meretrizes.

Como se inculca de pundonoroso! Tufé, ladrão descarado!

(Continúa)

## A PEDIDO

### Pergunta-se

Ao fiscal da Se, si os donos das tabernas Estrella d'Ouro e Estrella d'Oriente tem privilegio para conserval-as abertas até depois de 10 horas.

—E o homem dos *progressos* a inventar e a declamar!

Insultando a illibados caracteres, calca a verdade e profere uma quantidade enorme de frioleiras.... que, si não causassem nojo, faziam rir a estourar o mais meditabundo solitario!

E com dentes de vibora, com fúria insana, com horrenda hydrophobia, accommette a sua antiga victima que, resignada, só pede perdão a Deus, por que o *homem*, coitado, merece-o pois é dos taes que não sabem o que fazem.

—E depois de manchar 37 e 48 com sua boca impura, lembra *Momo*.

—*Momo*, menos bobo do que muitos, critico severo, rir-se hia das sandices que vomitam esses bichos-caretas mettidos em politica; *Momo*, achando a fresta que desejara no coração humano, saberia que era indigno de ser considerado entre gente o homem que se apregoa agradecido e apunhala aquelles com quem diz que seu pae tem relações de amigo; *Momo*... poder-se-hia ir mais longe.

—Si quer ouvir, é possível que se lhe faça o sacrificio.

—Capitão, ja que estamos sem nada fazer, celebremos a Nossa Senhora da Guia com historias de carochinha.



—Boa lembrança!

—Que quer, capitão? O nosso amavel aspirante vac ja chegando á idade dos vovós e quer em tudo se parecer com elles.

Eu sou de voto que o Sr. João de Deus conto sua historia.

—E nós tambem.

—Ora desembuche la essa batata, Sr. aspirante!

—Foi um dia, era tempo de guerra; havia um commandante das armas, bom moço, agradavel, bemfazejo, segundo uns; bobo, desfructavel, rancozoso, vingativo, segundo outros (não se pode agradar a todos )

—Siga a narração e nada de parentheses.

—Esse homem escolheu um secretario; que secretario! era um homem de aço! Pensa que por ser de aço cortava acaso papel no seu mister de secretario? Enganou-se. Tesoura tinha elle na lingua, que a ninguem respeitava; o homem não era de qualquer aço; era aço rijo, forte, de fina tempera; era aço de *cortar ferro*.

Vejam la que secretario!

Chamavam-no portanto *Corta-ferro*. E ás vezes tambem cortava aço.

Ora eu lhes conto:

Corta-ferro tinha uma paixão cega pelo dous de paus que julgava parecido comsigo; namorava-se das sotas; beijava amigavelmente o az de copas, era emfim amante das cincoenta e duas que, não obstante, o mandavam de continuo á tabua.

Não sei si percebem?

—Quer dizer que Corta-ferro jogava e perdia?

—Isso mesmo; gosto de andar por cima de quem me intende.

Corta-ferro uma vez tanto jogou que até a espada jogou. Official militar sem espada é padre sem breviario, isto é a relaxação em pessoa.

Corta-ferro, orgulhoso, querendo passar por serio, sabindo da baiuca e tendo de apresentar-se a superiores, não tinha uma espada, e sem ella não era possivel apparecer. Recorreu a um

companheiro e obteve emprestada uma espada.

Tenlo com que, quiz *desferrar-se*; foi ao jogo e perdeu de novo. O dono da espada levou tempos longos sem ver Corta-ferro; ao encontral-o pediu a espada, elle deu desculpas, e em desculpas ficou o dono sem ella, pois Corta-ferro *passou o aço* na espada e *cortou-a*, apezar de ser tambem de aço; eis aqui porque dizem que Corta-ferro tambem. . . .

—Faz escamotagens?

—Não; homem. . . . tambem corta aço.


Pois bem. Pau que nasce torto tarde ou nunca se indireita, não é?

—Assim dizem.

—Logo quem tem cabeça de pau nada aprende.

—Que logica na conclusão!

—Agora, si são capazes, malhem la em ferro frio! Bem vêem que por mais tacadas que apanhasse, por mais couces que os paes lhe dessem, Corta-ferro nunca pode ficar limado; aço forte, homem bruto.

Atrevido, impostor, orgulhoso, fofó, intractavel, detractor, ladrão, jogador e bebado. foram os principaes dotes de Corta-ferro. Por miseria daquelles tempos (todo tempo é um; não ha nada novo debaixo do céu, diz a Biblia) por desgraça daquella era, Corta-ferro, que ninguem sabe donde veio, foi soldado e de soldado foi subindo. . . .  monturo que foi se erguendo. . . .

Com elle foi crescendo o atrevimento, que nunca o impediu de borrar as calças, quando apenas ouvia o ribombo da artilharia e do mosquete que annunciavam a morte de uns e o triumpho de outros.

Pudera aqui largamente historiar a vida de Corta-ferro, mas a historia não é delle, e ficará para outra occasião. Tracta-se presentemente de quando chegou elle a secretario do commandante das armas.

(*Continua.*)





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

27 DE JANEIRO DE 1866.

SERIE 1.—N.º 3.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Misericordia n. 47, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 26 de janeiro de 1866.

Officio á empresa da limpeza, participando-lhe que a ladeira do Pilar, está no mesmo estado em que se achava, antes de haver limpeza; convindo portanto que lance a mesma suas vistas para alli, pois não é possível que os moradores de Santo Antonio que pagam 500 rs. mensaes continuem a receber exalações miasmaticas pagando tambem a provincia 80 contos annuaes.

E' preciso que se não zombe do povo que tem o direito de saber em que se gasta o seu dinheiro.

—A' mesma, perguntando-lhe si não tem tenção de remover a enorme escalhada que está no Barbalho, desde que a limpeza é. . . . limpeza.

—Em sessão de 29 de novembro p. p., a camara decidiu, sob parecer do Sr. Dr. Almeida Couto, que se desse com urgencia ordem ao engenheiro para tratar de dous canos, *focos permanentes de infeccão*, um á rua dos Carvões, outro ao Boqueirão.

Dous mezes não tarda completarem-se e ninguem sabe si o engenheiro já

sentiu o cheiro de taes canos, isto é si já os examinou; o que é certo é que jazem pacificamente no *sicut erant* o assim até que Deus se amercie de nós.

—Venha ca, amigo velho; onde está morando?

—Lá mesmo: rua do *Archanjo*, n.º XVI.

—Bem pena que ha de ter o tal *Archanjo* de pesar na balança as vezes que V. castiga barbaramente a crioulinha?

Quantas lagrimas não terá elle derramado por sua alma que lhe escapa e que o demonio lhe leva!

—Capitão, a negrinha, além de tudo o que faz, deu em fugir.

—Mas era motivo sufficiente para V: fazer da negrinha uma chaga-viva e pôr-lhe em cima pimenta?!

—Si era ou não, sei-o eu.

—Não se ponha com arremessos; si lhe fallo é por que quero favorecer-lhe; conheço o *Bastos* e elle pediu-me que fallasse com o *João* que o *José* me disse que era V. afim de ver si podia contel-o a esse respeito mesmo.

—Importa a mim ninguem? Do que é meu posso eu dispor como me aprouver.

—Mas ha de importar-lhe o muxigueiro, atrevido.



Falla-se-lhe com boas maneiras, dá-se-lhe um conselho e V. não agradece!

Olá rapazes, deixem ahí este diabo amarrado, ao menos para livrar por algum tempo a negrinha das unhas deste bom senhor.

— Capitão, aqui está um sujeito, criminoso de lesa-Alabama e preso em flagrante; este velhaeo abriu a velha e podre cloaca que lhe serve de boca e vomitou quanta porearia tinha dentro de si; causou nojo aos circumstantes. Eu porem fui-lhe direito á gola da farda, escovei-lhe o pello e a pontapés nas nadegas o trouxe até aqui.

Olhe a cara deste patife! Parece um grande cousa, quando este teu bigode serve apenas para te dar similhaça com o carrasco.

— Ora venha cá, sor maganão! Que agravos tem desta gente de bordo para offendel-a em publico? Diga, falle, ande, vamos com isso!

— Eu nada disse, nada fallei.

— Nem ja tendo sido marinheiro, respeita os superiores!

— Eu nunca fui marinheiro, protesto contra a calumnia.

— Oh! patife que é que dizes?! Pois para contares antiguidade de serviço não tiraste certidão do tempo de grumete e marinheiro para documentar tuas petições?!

Pensas que te não conheço!

Ora vou contar-te a vida.

Depois que deste baixa de marinheiro foste sentar praça na policia; moravas então na ladeira da Praça, n'um quartinho d'uma loja, sobrado do commendador Notta.

Chegaste na policia a furriel e deste baixa por teu mau comportamento.

Sentaste praça no batalhão dos 3, commandado por L. Francez embarcando para o sul, foste castigado, ainda por teu mau comportamento.

Mudaste de batalhão, e não sei porque artes de berliques e berloques galgaste official, na derrota de Bento Gonçalves.

— Ai que o homem esqueceu um feito meu na Bahia!

— Não esqueci, não.

Além de muitas ladroceiras, jogatinas e bebedeiras, fizeste o seguinte: Incendiou-se uma grande caza na rua Atraz da Sé e ahí te encheeste; roubaste quanto pudeste; até sacco de farinha mollesteste em caza.

Não é limpa esta vida para quem quer fallar dos outros?

— Capitão, me deixe por compaixão!

— Casaste. . . .

— Alto lá! não traete de minha vida particular!

— Ainda mostras ter tuas proas de militar fanfarrão. Não me mettem porém medo; assim como vossês entram na privada dos outros, tambem hei de pôr-lhes a calva á mostra.

Casaste com uma pobre senhora, filha de um homem *santo*, sendo testemunhas o *carneiro avô Nicolau* e sua senhora.

Pouco depois desamparaste a esposa!

Não é vida de quem pode levantar a cabeça e occupar-se da vida alheia?

São realmento feitos dignos d'um habito de Aviz!

Só aqui disse se vê! Uma condecoração para distinguir quem tem vergonha, quem é moralizado, quem não é bebado, velhaeo, jogador nem ladrão; uma condecoração de merito prostituida no teu peito, tu um homem de tal ordem que nem o castigo corporal te fez tomar geito!

— Isso não, capitão, indireitei alguma cousa, tanto que cheguei a capitão.

— Si a tanto chegaste, safado, foi nas bienhas do *Guaraná*; em Latronopolis, apesar de decahida, não serves nem para a fachina da Correeção.

E nem mais uma palavra; agora quem está em scena é o dignissimo e incançabilissimo muxingueiro.

— Capitão, não deshonre a farda d'um militar antigo!

— Ca, ca, ca, ca! Que escrupulos! não receiou o patife a deshonra quando lhe metteram a *charasca* no Rio Grande. Muxingueiro, logo!

(Continúa.)



## A PEDIDO

— Não cessa o mau genio dos inculcados *conservas* de Santo Antonio; depois das injurias e calumnias do *Observador*, continuam a attacar traiçoeiramente o Sr. tenente coronel Dr. Almeida Couto e compromettem os infelizes que a elles se ligaram. E' assim que um *coronel*, querendo figurar de advogado, desce a copista e faz metter na cadeia um infeliz *exaltado*.

Tracta-se do guarda Hermenegildo Antonio da Silva que, preso, representou contra seu commandante, em termos taes que o presidente da provincia expediu o seguinte officio:

«Officio ao commandante superior da capital.—Devolvo a V. S. a representação que me foi dirigida pelo guarda do 4.º batalhão de infantaria, Hermenegildo Antonio da Silva, contra seu respectivo tenente-coronel commandante, na qual se encontram phrases injuriosas ao mesmo tenente-coronel commandante, afim de que V. S. em desagravo da disciplina militar, mande proceder como for de lei.»

—Fizeram do moço o echo, o canal dos seus rancores, o despejadouro de suas injurias, das infamias que lhes asuberbam os peitos!

—E o pobre do rapaz é que ha de *grammar* na cadeia!

—Que aprendam por ahi a conhecer a gente com quem vivem.

## Atenção.

Um pae de familia deseja saber a razão porque não é punido um celebre Paulo que deshonrou a discipula de sua mulher, que falleceu de desgostos. O mesmo se acha no caso de cumprir as penas da lei ou de cazar-se com a offendida, pois está viúvo.

Espera-se do Sr. Dr. chefe de policia prompto andamento e solução a esse negocio que ja se vae demorando muito; S. Ex., pae de familia, pode melhor ajuizar do facto e esforçar-se em bem dos infelizes, punindo os criminosos seductores que com a mascara de protectores e am gos abusam da inno-

cencia e boa-fé o levam a deshonra ao seio das familias.

Confia-se na authoridade e na lei.

E deixe estar o Sr. Paulo que o *Alves* lhe ha de tomar as contas; juro lho por Nossa Senhora da *Conceição*.

*O antolhos-verdes.*

(Continuação.)

—Vamos com isso.

—Corta-ferro!, official militar por artes do diabo, chegou a secretario do commando de armas.

Ahi insultou a quantos tiveram a infeliz necessidade de tractar com elle; muitos suppuzeram que a secretaria se tornara em estrebaria, todos affirmaram que um cavallo alli os maltratara.

Era em tempo de guerra, como ja disse; formaram-se corpos voluntarios; o ultimo destes batalhões que se organisara na terra estava n'um forte; o forte tinha o nome do *Pescador*; nesse forte estava o *deposito*; houve desintelligencia entre o commandante do *deposito* e o official de estado do batalhão voluntario.

«A's armas!»

Mas ao numero maior tinha de ceder o menor e os *depositarios* recuaram do caminho, pediram paz; o bobo do commandante *depositado* teve de ver vigorar a ordem do official de estado, que fez muito bem em se não deixar desmoralisar por caprichos mal intendidos.

Com ares de menino malcreado que se vae queixar ao papá, o *depositado* foi ao commando das armas e contou a historia a seu geito.

O commandante das armas que era celebre nos *conselhos*, intendeu que pelas leis da *engenharia* se podiam supprir os militares, e mandou o secretario que syndicasse do facto e procedesse.

Ahi é que foi! . . . . .

Corta-ferro tomou a sebosa e ferrujenta farda; enfiou as calças brancas ja avermelhadas do tempo em que estão pendurados ao cabide; calçou os lustrosos sapatos ferrados; affagou com delicadeza e ares de importancia o



grisalho bigode; poz o chapéu á cabeça, metteu na mão uma grossa bengala, chamou o camarada, alteiou o pescoço e sahiu.

Pelo caminho Corta-ferro e o ordenança disseram o seguinte:

Ao chegar lá, grito, ralho, fallo, berro!

— Assim, Corta-ferro!

— Faço e desfaço!

— Assim, Corta-aço!

Temos cousa. Sor major vae fazer patacoada e Deus queira que no meio da brincadeira não lhe fallem na espada.

A esse tempo uma chusma de moleques que se achava na Pieda le, ao ver Corta-ferro, poz-se a cantar:

Na cidade tocou fogo,  
Na Victoria repicou:  
Minhas gentes, venham ver  
Corta-ferro que chegou.

E nesse gosto acompanharam Corta-ferra até a porta do quartel para que elle se dirigia.

Corta-ferro suava, mordia os beiços, rangia os dentes, dava patadas, mas... era preciso em todo o caso manter a dignidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do commando das armas que a tanto chegou...

Entrou no quartel, lançou um derradeiro golpe de vista sobre os moleques, mediu-os. Os moleques o ficaram esperando, e a elles contou o ordenança que pelo caminho o major resmungava que havia berrar e fallar muito.

Corta-ferro foi bem recebido, como era de esperar de moços illustrados que envergam a farda so por amor da patria. Mas em compensação mostrou para quanto prestava. Imagina uma reunião de pessoas limpas, entrando na salla um porco, a bater-se, a salpicar lama em todos, a roçar-se nos que encontra? Comprehende o que é acariciar um cão ou um gato e receber em resposta uma dentada ou uma arranhadella? Foi ainda mais. Os capadocios por pilheria, ao dar-se-lhes a mão para apertarem, apresentaram o pé; foi ainda mais do que isso. Figure um

beijo correspondido por uma bofetada!

Corta-ferro foi insultando o offi i l que lhe fallava, fallou logo em subalterno, lembrou sua superioridade, e sem rasão prendeu o moço que errou em não prendel-o por ir insultar um official de estado, que é cousa muito superior a um pobre major, reformado, cheio somente de proa e de falta de vergonha.

Felizmente a ordem do paraguayo burlesco teve de ser revogada; quem la o mandou viu-se obrigado a cumprir seu dever, deixando de satisfazer imposturas e caprichos de militares sem succo.

Mas sim; dada a ordem de prisão, Corta-ferro sahiu e affagado pela idea de sahir triumphante, de ter prendido o official, nem se lembrou dos moleques.

Mas os moleques lembraram-se del-le; ao vel-o, bradaram de novo:

Na cidade toca fogo,  
Em S. Pedro repicou;  
Minhas gentes, venham ver  
Corta-ferro que chegou.

Eu faço, desfaço,  
Eu grito, eu berro;  
Fora desfructavel,  
Chô Corta-ferro!

Corta-ferro, furioso com a recepção que lhe prepararam, julgou não merecida aquella ovação e, a galope, metteu-se em casa, d'onde, si fosse na epocha presente, eu pedia a V. Ex. que o mandasse tirar pelo muxingueiro, que é na verdade bom rapaz.

Deo gratias.

Ora V. deixa as historias no meio do caminho!

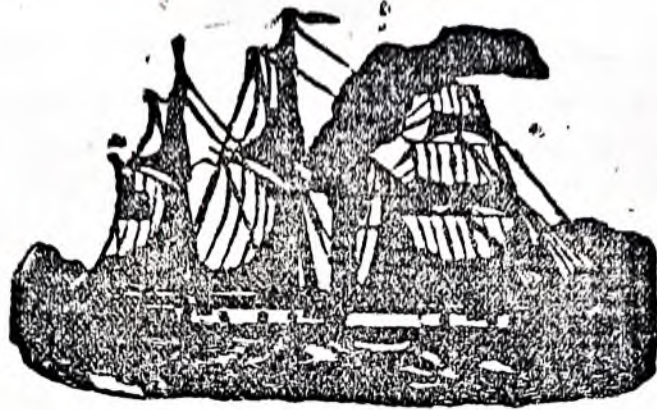
— Capitão, prometto a V. Ex. dar á luz o segundo volume. A historia é comprida.

(Continúa.)

Sr. official *por vontade*, porque não vae levar os 20\$ rs. daquella *transacção* no Porto do Bomfim?

Quer primeiro que se lhe ponha a calva á mostra? Será satisfeito, si não der solução do negocio em tres dias.





# O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO IV.

31 DE JANEIRO DE 1866.

(SERIE 1.<sup>a</sup>—N.<sup>o</sup> 4.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, à rua da Mizericordia n. 17, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantado. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações, Folha avulsa 160 rs.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de janeiro de 1866.

Officio á camara municipal, pedindo-lhe que mande o morador ou o proprietario da caza n.º 51 á ladeira da Mizericordia, concertar a bacia da varanda da dita caza que está em estado de desabar na cabeça de quem passa.

Não é o primeiro pedido nesse sentido que se faz á Illma., sem ser-se attendido; todavia insiste-se em lembrar taes ninharias.

—Ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe que dê providencias para que os moleques não continuem a atirar pedradas, da praça D. Isabel para a ladeira da Mizericordia.

Espera-se que este pedido seja attendido, á vista da gravidade que encerra; bem que se reconheça que a nação paga a quem alli deve ter cuidado de taes cousas.

—Capitão, não sei si se lembra de um santo.....

—Nunca li o *Flos sanctorum*.

—..... muito milagroso.....

—Santo Antonio?

—Não, Sr.; um santo, cuja vida,

cujos milagres foram narrados aqui a bordo....

—Tenho lembrança confusa de uma cousa dessas.

—Um que fez milagres de *queijos e borboletas*.

—Ah! sim! S. Calombreiro!

—Justamente. Naquella minuciosa resenha escapou um milagre, que desejo contar hoje *ad majorem Dei gloriam*.

—Diga la isso!

—Havia um negociante que vendia bilhetes de outras terras; tinha dinheiro, porém quanto mais tinha, mais desejava e foi ter com Calombreiro para ministrar-lhe *um meio*. Que faz o santo?

Pediu-lhe os bilhetes que vendia, indicou taes e taes, disse que vendesse uns e guardasse outros, e succedeu o seguinte:

Quando chegou o barco trazendo a noticia (não se usava vapores) os bilhetes que o negociante guardara sahiram premiados, e todos os que vendera brancos. Ficou assim o negociante com dinheiro e S. Calombreiro com esta de mais.

—Ora vivorum!

Destes milagres ha muito quem faça.

Em Latronopolis ja houve menino que recebia noticias, por um vapor extraordinario, dos bilhetes premiados;



guardava os bilhetes que tinham premio e vendia os brancos; acabados estes, vendia os que tinham o mesmo dinheiro, porque ganhava a comissão; e os mais guardava no bolso, até que chegasse o vapor esperado.

Isto sim, isto é que é fazer milagres!

— Bem vê que era o dinheiro ficar em casa sem ser preciso resar responsorios, nem consultar beatos.

— Não tem duvida! Os escamoteadores são mais *finos* do que qualquer santo; o diabo é a policia não cuidar delles com o esmero com que o devia.

— Mais moeda falsa.

Ao passo que embarcou para Fernando de Noronha o infeliz João da Costa Junior e aqui ficaram tantos ladrões, seus socios e instigadores, estes davam fogo ás forjas.

E dous infelizes é que vão *gramar* na cadeia: um José Christino e um tal Sampaio; a quem Deus dê juizo para não cahirem em outra.

— Mas que novidade é esta?, explique-se.

— É que foi cercada uma caza ao Sudré, e nella foram encontrados os utensilios necessarios para o fabrico da moeda de prata e algumas moedas. Consta que ja andavam em circulação. A fabrica tem filiaes, e ha caveira de burro na cousa.

— Ora vamos ver em que dá.

Sempre que certa gente está na policia, ha moeda falsa! Dir-se-ha que os taes moedeiros gostam de dar aos taes chefes occasião de prestar serviços. É boa a occasião para o Sr. Dr. Junqueira mostrar para quanto presta.

— Embarcou hoje o presidente de Sergipe.

— Quem?

— O Sr. *Pereira de Moraes*.

Um batalhão prestou-lhe as honras devidas.

— Leu uma noticia que vem no *Jornal* sobre um cão?

— Não.

— Pois loia; é de 27 do corrente.

— « *COTADA!* — Pedem-nos a publicação do seguinte:

« Hontem chegou da Estiva (municipio de Jaguaripe) uma mulher maior de 80 annos, remettida pelo juiz de paz ao governo.

« Essa infeliz vem toda mordida por cão, e em estado que causa horror. Chama-se Mariana, e é objecto de uma representação, que ja existe em poder de S. Ex. contra o dono do cão, pois que, sendo autoridade, assistiu impassivel a quantos estragos soffreu a octogenaria e indefesa mendiga.»

— Que coração!

— Eu só quero ver que providencias se dá. Ha poucos dias, um cão, no forte do Mar, mordeu um capitão inglez; houve reclamação do consulado e a presidencia ordenou ao dono do cachorro do forte do Mar que o prendesse.

— Devia officiar á camara para que o mandasse matar e multar o dono.

— Talvez a Inglaterra o reclame; mas a infeliz da Marianna, pobre velha tabarôa da Estiva, quem por ella tomará interesse?

— A moralidade publica.

## A PEDIDO

— Si V. tivesse um parente que *por graça* desse um tiro n'um rapaz honesto; si a familia do *brincador* intervisse para que não houvesse processo, com promessa de certo emprego; si o *ferido* viesse reclamar o cumprimento dessa promessa; si o *rei* lhe observasse que não podia ser *por ora*, em quanto o doente estivesse de muletas; si depois disso, a dous mezes, nunca mais o infeliz pudesse fallar com o *rei* que é parente de quem deu o tiro; si por tanto, a dous mezes, o *rei* evitasse fallar com o desventurado que lhe ia lembrar a promessa; — pergunta-se: Esse *rei* mereceria consideração de quem presasse a fé de cavalheiro?

Da-se quinze dias, ao muito, para qualquer expender sua opinião a respeito.



—Tem visto o novo commandante das armas?

—Tem reformado alguns abusos; é militar de mão cheia.

—E homem honesto, respeitavel por seus principios e precedentes.

—Deus o guie na senda por que tem de trilhar!

—O *Pharol* diz:

O Sr. G. Dantas primo do presidente, dizia ás mães dos recrutas: Sou filho das selvas, *bruto*.

O Sr. Manuel Dantas, presidente dizia: *Sou pedra*.

São dous homons, por amor da patria, descendo da escala que Deus lhes assignalou: um homem passa a *irracional*, outro a pedra, a *mineral*.

—Falta somente quem aproveite os *vegetaes* para dar clysteres a quem não tem juiso.

Não se pode aturar este maldito Beijo-rachado!

Ha de trazer constantemente a visinhança incommodada com suas boracheiras!

Embriaga-se na rua, e vae para casa espancar a pobre senhora, a qual não podendo com semelhante tratamento que lhe dá o bruto, grita, brada por soccorro, corre para a rua e foge para a casa do pae, e Beijo-rachado vae tomar a nova mona!

E um patife destes apadrinha-se com o nome de casado, para praticar quanta maroteira ha, contando com a isenção da lei!

—Capitão, os homens mudaram de resolução.

—Que homens?

—Os taes que inculcando-se queriam offerecer uma espada ao Sr. ex-commandante das armas engenheiro.

—Mas que resolução tomaram?

—Em vez da espada, dão uma commenda de brilhantes.

—Olhe que são na verdade mui *brilhantes as ideias* do Sr. Guaraná!

Gratifica-se com um pergaminho manchado, a quem der noticia de um

Dr. que *escamoteou* um chapen de sol, n'um baile que houve em *S. Thomé*.

O Dr. *toca-bomba*.

—Capitão, é necessario deitarmos o navio em direcção ao theatro de Latronopolis.

—Porque?

—Por causa das injustiças que ja principia a fazer a nova empreza.

—Que injustiça fez?

—Demittiu um nacional para admittir um estrangeiro!

Que estrangeiro!

—E' mau o homem? E' tratante?

—Informe-se, capitão, dos botequins, das tavernas, dos hoteis.

—Que quer dizer com isto?

—Quero dizer que o novo empregado, além de ser estrangeiro, é um grande beberrote.

—Pois vou ja mandar pôr o navio em direcção ao theatro, para intender-me com o tal *Vicente Ferrer*, e saber a razão porque se demitte um empregado antigo, para admittir um estrangeiro!

—Eu quero ser examinador em francez, na academia, e si o *homem* me nomeia, defendo-o na gazeta com energia, ordem, liberdade, e segundo os preceitos da *Constituição*.

—Isto é que é intender!

—Em quanto pretendo, finjo-me amuado; como me disseram que o negocio vae melhorando, dei-lhe um toque, fiz uma *deszczasinha*. Si *trasteja*, não é só o *Alabama* que tem radizios; eu com minha *fragata*, escangalho o governador.

—Isto é que é intender, repito; não tem duvida! andar assim que é bom andar....

Recommenda-se a certo major reformado que tem o apellido de certa droga do Pará, que procure defender ao seu *honrado amo* por modo que não offenda o *Alabama*, tema-se da sua artilharia, veja que nem de leve lhe toquem as buxas de suas peças nas costas pois



estas não são como as chibatas do batalhão quando praça de pret.

*O aspi ante João de Deus.*

—Frito e assado!

—Peixe podre.

—Oh! *frito e assado* quer dizer peixe podre?

O *portuguez* em Latronopolis é diferente do que se falla no Ceará.

Quando cheguei aqui ouvi gritar: aipim subá; pareceu-me tudo, menos lingua portugueza; perguntando o que era disseram-me que era o que no Ceará se chama macacheira macia.

Agora ouço *frito e assado* e V. diz-me que é peixe podre; é celebre! preciso apprender a lingua.

—Nem precisa, nem é celebre; mais celebre é o que por aqui temos.

Nesta terra, as negras compram o peixe aos figurões e o vendem a todos; os figurões elevam os preços, as ganhadeiras tambem; os figurões demoram o peixe em terra, as ganhadeiras ainda mais; quando começam estas a vendel-o, está quasi podre, e podre fica com a continuação da vendagem; quando por podre, ninguém o compra, ellas o assam e vendem-no; ao peixe assado chamam ellas frito e assado que é synonymo de podre, por que sem esta qualidade ellas o não assam; bem vê portanto que não é preciso dictionario para intender o que eu fallo.

—Bem; mas admiro-me d'uma cousa, é consentir-se *nisso*, quando devia haver quem velasse pela saude do povo, quem fiscalisasse os viveres etc.

—Pois não ha? O claviculario é inexoravel; farinha podre elle não poupa, mas o peixe!... mettam-se *nisso*!

Supponha V. que o empregado da saude é irmão de um dono dos peixes: que outro dono é o principal.... que deste recebe-se ordens; que o reino não se pode dividir contra si; que só doudos se suicidam; e que ha ainda muitas outras razões, a principal das quaes é serem todos os *pescadores* figurões; e diga-me si ha outro remedio sinão a gente ficar a comer peixe podre e carissimo.

—Bem faz a camara da Bahia; não deixa *todos* venderem farinha por causa do *monopolio*, diz ella, ou alguém por ella.

—Aquillo sim! é de respeito a respeitar!

A outra faltou á fé de s contractos, não cumpriu o que prometteu, e deu licença a pae Gaspar para proteger a humanidade, vendendo farinha a granel.

—Gaspar feliz, não ser eu da tua raça, para, mettido n'alguma *barroca* ou *barraca*, gozar dos beneficios deste municipio que tanto te deve!

—E em quanto V. fallava aquella carcundinha que é escrava do barão do *Rio Sanguineo*, já vendeu o peixe todo!

—Povo, sentido nas tripas!

### Enigma.

Trazia no bico a *pomba*  
Verde ramo de oliveira;  
Em vez de tornar á arca,  
Metteu se a pelotiqueira.

Fez *posturas*, poz seus ovos,  
De nove a conta inteirou;  
Poz-se choca, mas a raça  
Nos ovos toda gerou.

Agora, de envergonhada,  
Finge que não pode andar;  
Que importa que a chamem kagado  
Ou preguiça a caminhar?

A bicha nem quadrumano,  
Nem reptil se tornou;  
Apenas de linda qu'era  
Em pomba choca ficou.

Foi so este o resultado  
De metter-se em pelotica;  
Sempre mal succede a quem  
No seu cantinho não fica.

### ANNUNCIOS.

Na freguezia de S. Pedro Velho, rua dos Curraes n.º 33 indo para os Barris, preciza-se fallar com a Illm.<sup>a</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Caetana Silvestre Lisboa, para negocio de seu interesse, e por se ignorar a morada de S. S. é que se faz o presente annuncio.